



SOFIA BURIN LEONARDOS

LUGARES QUE SECARAM A ÁGUA E O ESPAÇO PÚBLICO CARIOCA

LUGARES QUE SECARAM

A ÁGUA E O ESPAÇO PÚBLICO CARIOCA

Sofia Burin Leonardos

Orientador: Cadu Spencer

ARQ1109 | 2022.1

Proposta de Projeto Final

PUC-RIO

Departamento de Arquitetura e
Urbanismo - DAU



SUMÁRIO

- 01.**
INTRODUÇÃO 04-09
Por que falar de água no espaço urbano carioca?
- 02.**
A ÁGUA E A CIDADE 10-27
Um breve panorama histórico sobre a água no espaço público carioca.
- 03.**
LUGARES QUE SECARAM 28-37
Questões sobre espaços carregados de história, mas desassociados de memória.
- 04.**
ESTUDO DE CASO - Praça XV 38-109
Quando um lugar que foi moldado pela água seca, como reestabelecer esse contato?
- 05.**
REFERÊNCIAS 110-115
Bibliografia e Referências Projetuais

01.

INTRODUÇÃO

Por que falar de água no espaço urbano carioca?

Fotografia de Augusto Malta. Acervo IM8. 1928

“Na cidade que tem nome de rio, os rios estão canalizados, subterrâneos, invisíveis. E as águas dos chafarizes não jorram.”

ANDERSON, Roberto. “Fontes e chafarizes secos no Rio”. < <https://diariodorio.com/roberto-anderson-fontes-e-chafarizes-secos-no-rio/> >

O interesse por trás dessa pesquisa vem da percepção do uso do espaço público por parte de pessoas em situação de vulnerabilidade. A água é uma necessidade universal. Para a formação de qualquer cidade é preciso do acesso à água. No Rio de Janeiro, assim como em muitas outras cidades, esse acesso ocorria majoritariamente através das fontes públicas. Com a privatização da distribuição e coleta d'água, transformações urbanísticas e mudanças na estrutura social, essas estruturas públicas caíram em desuso e se tornaram monumentos históricos, ornamentais e em muitos casos, secos. O que é um monumento sem água? Aqueduto, chafariz, fonte, bica.

Quem hoje passa por uma das fontes que ainda existem na cidade do Rio de Janeiro, as percebe como elementos estéticos no espaço, desassociados de função social ou memória.

O chafariz e a bica não só tiveram como papel histórico o fornecimento de água na cidade, mas também foram essenciais para a formação do espaço público carioca.

Quando um lugar que foi moldado pela água seca, como reestabelecer esse contato?



E quem não tem acesso a água?

Muitas pessoas, no contexto da necessidade, desafiando a atual normatização social e estética ainda usam da água pública.



“A transformação de um tesouro arquitetônico no humilde lar de dona Jô, como é mais conhecida a ex-moradora de rua, é algo, no mínimo, descabido. É, também, a ponta de um problema bem maior. Um levantamento do grupo SOS Patrimônio, realizado no estado entre janeiro e março de 2018, identificou 192 bens históricos abandonados, destruídos ou sob o risco de desabar.”



<https://vejario.abril.com.br/cidade/com-chafariz-que-virou-casa-rio-tem-192-bens-historicos-em-risco/>



Chafarizes do Rio estão sem água e se deteriorando pela falta de manutenção

“Ele disse que ultimamente uma mulher conhecida na região se banhava e lavava suas roupas no local. Além disso, segundo seu relato, outros moradores de rua também fazem do monumento “pia de banheiro”.”

“O município nega que a água dos chafarizes tenha sido desligada para impedir que a população de rua se banhasse neles. Mas a cena era bem comum quando eles estavam funcionando. Sem jorrar uma gota sequer, eles acabam perdendo boa parte de sua função, que é embelezar a cidade e, o que é pior, acabam se deteriorando. Peças enferrujam e encanamentos entopem por falta de manutenção.”



<https://extra.globo.com/noticias/rio/chafarizes-do-rio-estao-sem-agua-se-deteriorando-pela-falta-de-manutencao-23949507.html>



“Moradores de rua usam chafariz na Praia de Botafogo para tomar banho e lavar roupas.”



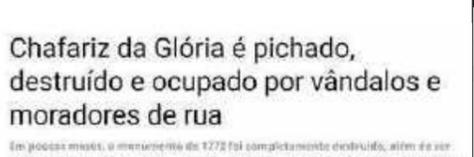
<https://oglobo.globo.com/au-reporter/moradores-de-rua-usam-chafariz-na-praia-de-botafogo-para-tomar-banho-16453852>



“Quem passa pela Praça XV pode notar que um importante monumento da época colonial do Brasil **virou um local para abrigar pessoas em situação de rua, com roupas penduradas por toda a estrutura, papelão, objetos e até uma churrasqueira improvisada** agora faz parte do cenário da obra construída por Mestre Valentim, por volta de 1789.”



<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/08/28/monumento-da-epoca-colonial-na-praca-xv-vira-abrigo-para-pessoas-em-situacao-de-rua.ghtml>



“Autoridades do IPHAN chegaram a anunciar que instalariam uma parede de vidro de 13 metros de largura por 2,40 de altura, com 16 milímetros de espessura e resistente até a armas de fogo para protegê-lo, mas de toda esta promessa, só foi colocado um vidro laminado nas bordas dos tanques que compõem o chafariz.”

“Do início do ano pra cá, o monumento foi totalmente depredado, e agora **chegou ao ridículo de ser ocupado por algum tipo de organização política de moradores de rua**, que utiliza o espaço público para “difundir opiniões políticas”, segundo declarou um comerciante vizinho.”



<https://diariodorio.com/chafariz-da-gloria-e-pichado-destruido-e-ocupado-par-vandalos-e-moradores-de-rua/>



“Usar como lixeira e banheiro não pode. Como chuveiro ou piscina, tudo bem, desde que não suje, segundo a FPJ. De acordo com a arquiteta Vera Dias, chefe da Divisão de Monumentos e Chafarizes da fundação, não existe nenhuma proibição específica, somente “caso ocorra dano considerável ao patrimônio público.”

“O lago aí serve para tudo. Banheiro, banheira, tanque”, comentou a moradora Lúcia Moreira, 52 anos. “Eles não têm onde fazer as necessidades e fazem aí.”

<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/rio-gastara-r-1-mi-para-restaurar-chafarizes-historicos-09b068f40d94b310VgnCLD200000bcbce0aRCRD.html>

Roberto Anderson: Fontes e chafarizes secos no Rio

Arquiteto e urbanista analisa essa situação no Rio de Janeiro

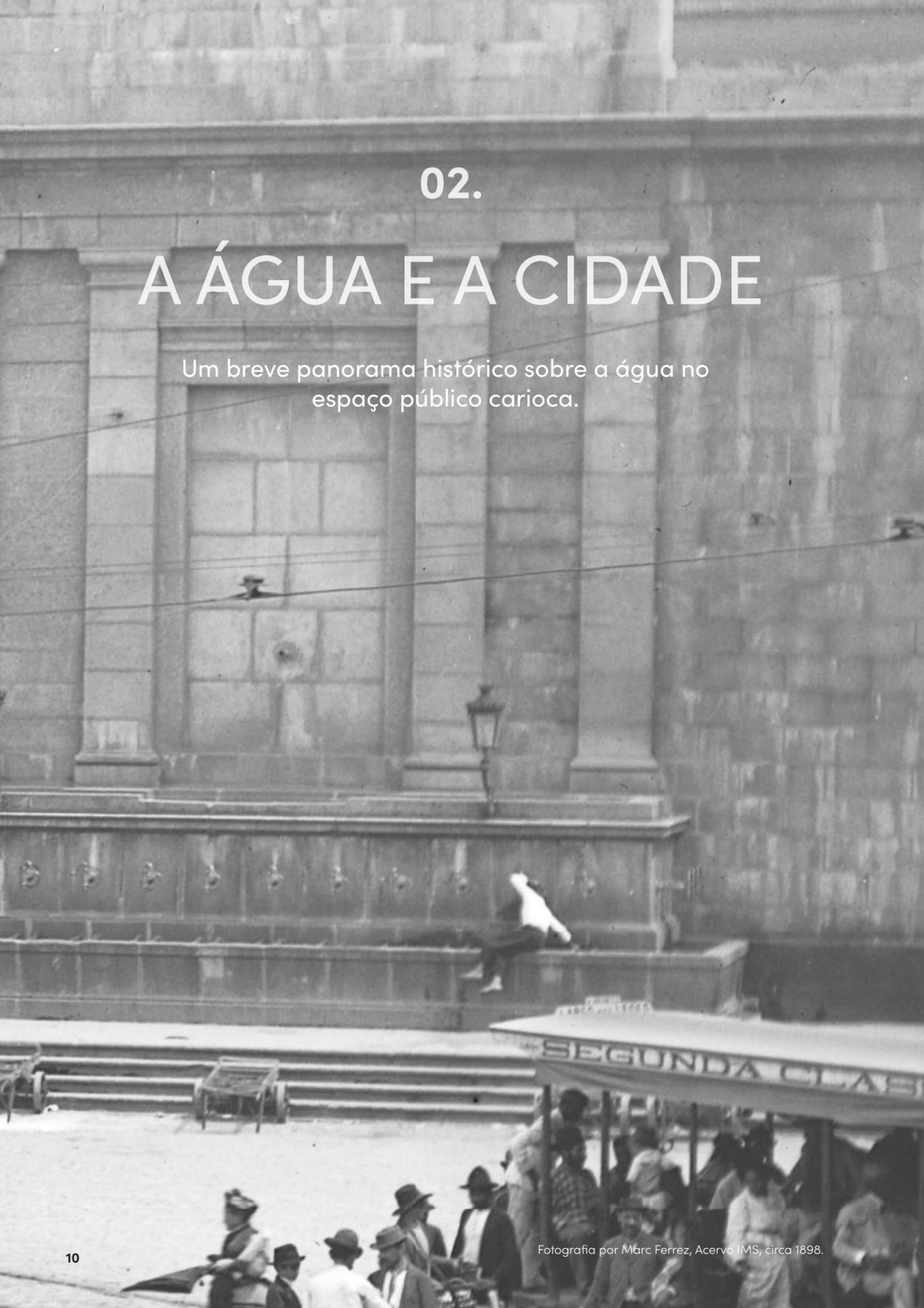
“Entre aqueles (chafarizes) que ainda resistem, poucos são os que estão em bom estado de conservação, e menos ainda os que jorram água! **Há um descuido com esse passado e um mal-estar com o fato de que moradores de rua os utilizem para se limpar. A solução encontrada para esse “problema” é sempre retirar o sofá da sala, ou seja, desativar o repuxo ou demolir o chafariz.**”

<https://diariodorio.com/roberto-anderson-fontes-e-chafarizes-secos-no-rio/>

02.

A ÁGUA E A CIDADE

Um breve panorama histórico sobre a água no espaço público carioca.



Fotografia por Marc Ferrez, Acervo IMS, circa 1898.

“ As fontes públicas eram vitais para o Rio, não só de um ponto de vista utilitário, mas também social e político. Projetadas para serem esteticamente agradáveis, as grandes fontes ficavam em praças ou **ao longo das ruas, e ao redor delas foi criado um espaço público.** ”

METCALF, Alida. “Água e espaço social: usando mapas georreferenciados e imagens geocodificadas para aprimorar a história das fontes do Rio de Janeiro”

A história da busca por água potável na cidade do Rio de Janeiro pode ser dividida em três momentos:

01.

A partir da fundação da cidade em 1567, o acesso à água dependia do esforço de escravos indígena e/ou negro responsáveis de carregar a água das nascentes e rios até as mais variadas residências.

02.

Ainda no período colonial, se iniciou a chamada “A fase dos chafarizes”. As fontes foram essenciais para a formação do espaço urbano carioca. Foi ao redor delas onde o espaço público se estruturou e passou a ser também um espaço social. Iniciou-se em 1724 com a construção da primeira fonte de caráter público, o Chafariz da Carioca e teve fim com a abolição dos escravos em 1888. Esse período marcado pela construção de aparelhos para trazer água dos distantes mananciais para dentro do centro urbano, aquedutos, canos, valas, chafarizes, fontes e bicas públicas. A distribuição dessa água para os residentes da cidade só foi possível pela extensa exploração de mão de obra escrava para fazer a baldeação da água das fontes.

Entre os séculos XVI e XIX as fontes públicas foram frequentadas majoritariamente por escravos responsáveis por levar água para dentro da cidade e lavar roupas. Mais do que servir de forma utilitária e estética para a população carioca, as fontes também se tornaram um ponto central de encontro para os diferentes grupos que as frequentavam. Em muitos casos o único local onde alguns grupos poderiam interagir e se expressar. Com o passar do tempo esses locais perderam o contato com a água. Restam estruturas secas e sem memória. As estruturas hidráulicas agora se escondem e no espaço público resta a sua memória em arquiteturas tombadas e secas.

03.

Na segunda metade do século XIX começa o desenvolvimento do sistema de captação e distribuição de água diretamente para as edificações através das “penas d’água”. Inicia-se o processo de comercialização da água.

“A expansão do acesso a água por pena d’água não significou o fim da água nas torneiras e chafarizes, por isso podemos afirmar que a cidade experimentava formas de acesso a água diferenciadas. Água na frente de casa somente para quem podia pagar junto ao governo pela concessão, aqueles que não podiam tinham que se dirigir a umas das torneiras ou chafarizes espalhados pela cidade.”

Almeida, Gilmar Machado. “A Domesticação da água: os acessos e os usos da água na cidade do Rio de Janeiro entre 1850 a 1889.” (2010)



Os Arcos

Pintura Leandro Joaquim. “Boqueirão e Arcos da Lapa”. Óleo sobre tela, final do século XVIII, Museu Histórico Nacional

Gravura Karl Wilhelm Von Thiermin. Acervo Coleção Brasileira Itaú Cultural, 1835



O Chafariz do Mestre Valentin

“Os refrescos do Largo do Palácio após o jantar” Por Jean Baptiste Debret, 1835

A monumentalidade política da fonte foi representada pelos artistas da época, principalmente por Debret. Mais importante, foi extensamente representado o espaço social criado ao seu redor. O trabalho realizado entorno da fonte se destaca mais no trabalho dos artistas do que a fonte em si. As fontes foram pano de fundo para as representações artísticas que retratavam a escravidão no espaço público. O espaço social formado ao redor das fontes públicas era majoritariamente usado por escravos, serventes e negros livres.



LES RAFFRAICHISSEMENTS DE L'APRÈS-DÛNER SUR LA PLACE DU PALAIS

Corcovado - caminho do Aqueduto da Carioca

Fotografias por Marc Ferrez, Acervo IMS, circa 1885-90.



Chafariz da Carioca

Fotografia por José Francisco Corrêa, acervo IMS, circa 1895.

Mesmo após a desativação do aqueduto em 1880 o Chafariz da Carioca continuou em funcionamento até o início do século XX. É possível perceber através da análise das fotografias disponíveis no IMS que ainda era muito usado pela população, fora servir de apoio para outras atividades que aconteciam no Largo.



Novos hábitos

Anúncios do Almanak Laemert de 1875.

Novos produtos vindos da cultura da água privatizada. Com a ampliação do acesso à água foram criadas as casas de banhos, como um espaço de sociabilidade criado pela ampliação do acesso à água.





O Rio Carioca

Apesar do nome, a cidade do Rio de Janeiro não foi construída ao longo de um rio. Alguns cartógrafos do começo do século XVI, se confundiram com as águas da Baía de Guanabara. O erro foi oficializado pelos portugueses quando fundaram, no topo do Morro do Castelo, o assentamento de São Sebastião do Rio de Janeiro em 1565. A busca por água potável para abastecer o novo núcleo urbano foi o que moldou a cidade e seus espaços públicos. Assim como os povos nativos, as primeiras ocupações (portuguesas e francesas) dependiam do Rio Carioca para obter água fresca. A qualidade e a abundância das águas do rio Carioca foi fator decisivo no direcionamento e crescimento da cidade do Rio de Janeiro. A disputa pelo domínio do rio marca a expulsão dos franceses.

A sua nascente fica na Fonte do Beijo, no pé do Corcovado, e se acumula na bacia chamada de “Mãe d’Água”. A captação e distribuição dessa água era feita pelos “aguadeiros”, escravos africanos e indígenas que faziam o trabalho de baldeação da água.



Ewbank, Thomas. Vida No Brasil. Rio de Janeiro Edições Cruzeiro. 1965 (P.267)

- 1-Talha
- 2-Talha de Cozinha
- 3-Moringa Grande
- 4-Talha de Entrada
- 5-Talha Ornamental
- 6-Moringa Pequena
- 7-Vaso Manual
- 8-Moringa Média
- 9-Taça

“Mãi d’agua (morro de Sta. Thereza)”
Gracura por Pieter Godfried Bertichen, acervo Coleção Brasileira Itaú, 1856.



O Aqueduto e o Chafariz

Quando a ocupação da cidade começou a intensificar sua expansão, tornou-se evidente a necessidade de uma infraestrutura hídrica que permitisse que a água fosse trazida para dentro do centro urbano. Na primeira década do século XVII começa a ser financiado um projeto para trazer água do Rio Carioca. Iniciaram-se estudos para a construção de aquedutos baseados na força gravitacional em torno do ano de 1660, chegando no Campo de Santo Antônio (atual Largo da Carioca). Os reservatórios da Carioca e da Mãe d'Água datam entre os anos de 1733 e 1750.

A primeira fonte pública do Rio de Janeiro foi o Chafariz da Carioca, finalizada em 1723, servindo de ponto terminal para o aqueduto, e localizada no pé do monastério de Santo Antônio no centro da cidade. Tãmanha era a vazão, que a fonte chegou a transbordar suas águas para a cidade, criando temporariamente um pântano urbano. A drenagem passou a ser feita por uma vala (rua da vala, atual rua Uruguaiana) que desaguava na prainha. Pela sua grande utilidade pública, a fonte era fortemente policiada, com punições físicas e prisões para quem desobedecesse às regras de uso. Em 1750 foram finalizados os Arcos da Lapa, então conhecidos como Arcos da Carioca, substituindo parte do aqueduto antigo de madeira, ultrapassando o vale entre Santa Teresa e o morro de Santo Antônio.

A segunda fonte monumental do Rio foi construída nesse mesmo ano na atual Praça XV, então conhecida como Largo do Carmo e principal praça da cidade. A água vinha dos aquedutos para a fonte da Carioca e de lá passava por canos subterrâneos de cobre (pela rua do cano, atual Rua Sete de Setembro) para a fonte no Largo do Carmo. Responsável pelo fornecimento direto de água para as embarcações que atracavam na baía de Guanabara, para o Palácio dos Vices-reis e também para a área central da cidade. O imenso fluxo de escravos, aguadeiros e marinheiros no meio da praça gerou incomodo ao Vice-Rei. Sob pretexto que ele atrapalhava as marchas militares, em 1775 a fonte foi movida do centro da praça para a beira d'água no movimento de redesenho do porto para a transferência da capital. Foi demolido e construído o atual chafariz do Mestre Valentin. A praça passou a ser conhecida como Largo do Paço e o chafariz passou a ser a primeira referência para quem aportava na cidade.

“A cidade foi amplamente abastecida com água através desse único aqueduto até o início do século XIX. As fontes públicas eram vitais para o Rio, não só de um ponto de vista utilitário, mas também social e político. Projetadas para serem esteticamente agradáveis, as grandes fontes ficavam em praças ou ao longo das ruas, e ao redor delas foi criado um espaço público. Se a limitada infraestrutura de água da cidade tinha uma vantagem, era dar aos escravos e aos negros livres um lugar onde poderiam se reunir, apesar de seu trabalho ser duro e longo”

Água e espaço social: usando mapas georreferenciados e imagens geocodificadas para aprimorar a história das fontes do Rio de Janeiro - Alida Metcalf.

No decorrer do próximo século as principais fontes públicas que abasteciam a cidade estavam todas no pé dos morros da Floresta da Tijuca. Nesse período a grande parte dos residentes e comércios estavam distantes dessas fontes, conseqüentemente muito tempo esforço e energia eram destinados para a distribuição dessa água. As limitações do sistema de infraestrutura hídrica eram amenizadas pelo extenso uso de mão de obra escrava na cidade. A maioria dos escravos urbanos se dedicaram a função de buscar nas fontes e carregar a água para seu destino, eram chamados de “aguadeiros”. Os escravos além de responsáveis por fazer a baldeação, também realizavam algumas das tarefas domésticas nos espaços públicos, principalmente lavar as roupas nos tanques das fontes. A necessidade diária por água + dependência total das poucas fontes + o uso de serviços domésticos (escravos e livres) afetou a natureza dos espaços públicos cariocas.

A bica era um aparelho simples e pontual, podia ser particular ou público, a sua quantidade por ponto (torneiras) podia variar, mas isto dependia quase sempre da demanda local. A mais conhecida, a bica da Rainha (1815), está localizada na atual rua Riachuelo. Os chafarizes eram aparelhos mais complexos, onde se podia executar mais de uma tarefa, pois funcionavam inúmeras torneiras para o abastecimento de água e também um tanque para se lavar roupas e dar água aos animais. Os chafarizes podem ser considerados os primeiros ornamentos públicos que a cidade teve.

O Aqueduto e o Chafariz

Quando em 1808 a família real chega ao Rio de Janeiro o número de estrangeiros vindo para a cidade cresce consideravelmente. O chafariz do Largo do Paço recebia quem chegava ao porto e supria as embarcações. Sua escadaria era a transição mar-cidade.

Para suprir as demandas do crescente aumento populacional nas primeiras décadas do século XIV se fez necessária a construção de um novo aqueduto. Foi então feita a estrutura para trazer a água do rio Maracanã para a cidade. O aqueduto acabava na fonte do Campo de Santana. A fonte era principalmente usada por lavadeiras, junto da fonte foi criada uma estrutura aberta para auxiliar na lavagem de roupas. Estimasse que suportava o trabalho de cerca de duas mil lavadeiras. Após a sua criação, o espaço ao seu redor se urbanizou rapidamente.

A Inspetoria de Obras Pública, instituição responsável pelos serviços de abastecimento de água, continuou instalando novos encanamentos e interligando cada vez mais as freguesias ao sistema de abastecimento. Nesse contexto outras fontes públicas menores começam a ganhar importância no espaço público da metade ao final do século XIV; como a fonte do Largo de Moura (próxima ao “calabouço”), com menor e irregular fluxo d’água e a fonte das Marrecas, no passeio público, muito ornamentada que era dividida em dois cochos, um usado para tarefas domésticas e outro que servia para os animais e a fonte na rua Mata Cavalos (Rua Riachuelo). Além de bicas públicas com menor vazão de água. Enquanto os encanamentos e os chafarizes construídos até 1808 eram feitos em pedra, mármore e chumbo, a urgência em abastecer d’água uma cidade que via sua população crescer rapidamente levou à utilização de materiais como telhas de barro e madeira na condução das águas e construção dos chafarizes após a chegada da corte.

Em 1820, o Chafariz da Carioca foi demolido e substituído temporariamente por outro em madeira. Na década seguinte foi construído o novo chafariz, projetado por Grandjean de Montigny com 35 bicas e tanques em pedra. O Chafariz da Carioca foi demolido em 1926 para alargamento do Largo e implantação de um novo paisagismo.

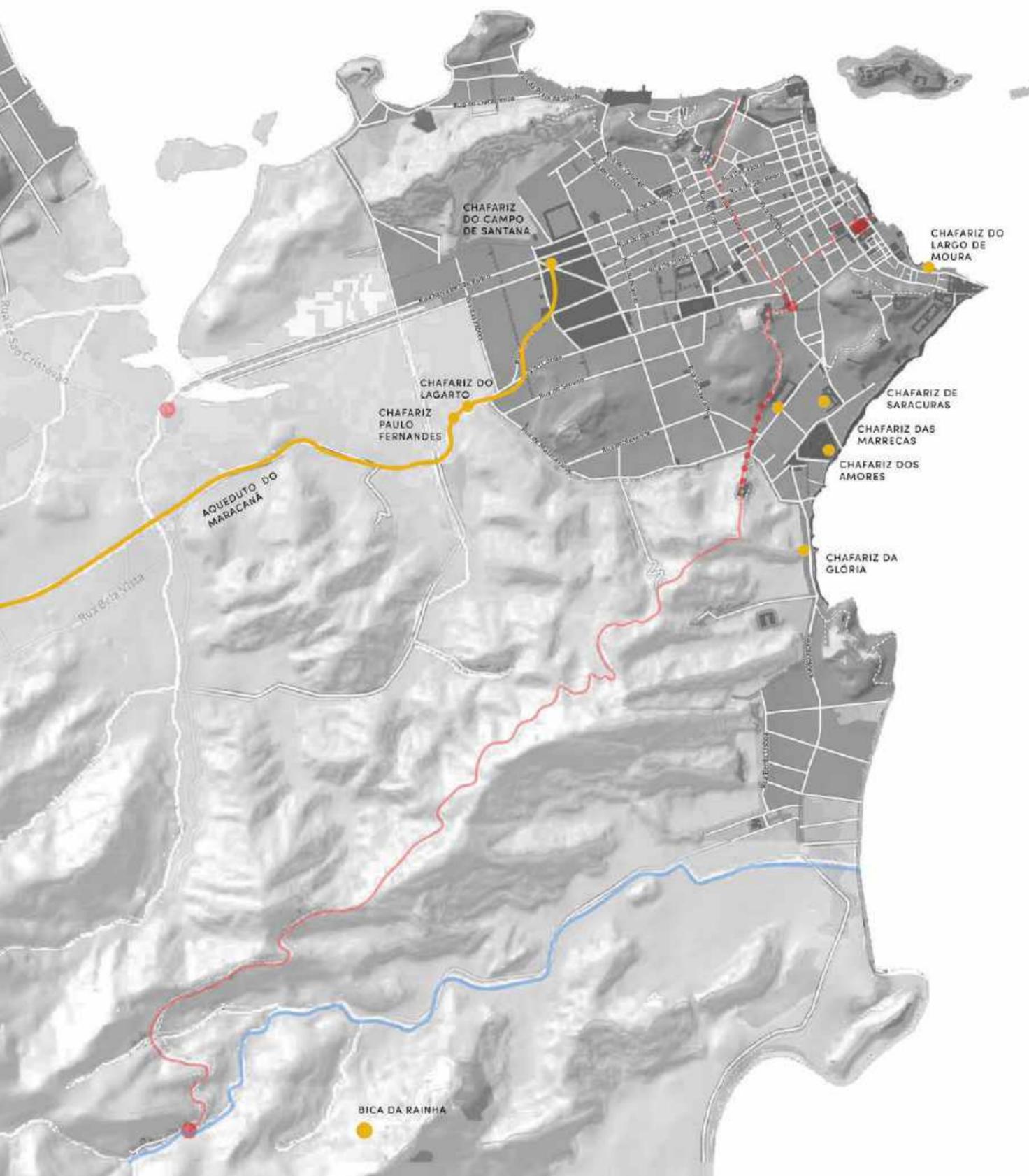
“Qualquer visitante que circulasse pelo Rio de Janeiro nas primeiras décadas da segunda metade do século XIX, identificaria cinco formas de acesso à água convivendo simultaneamente: o rio, o poço, a bicas, o chafariz e a pena d’água. Com certeza, o nosso visitante verificaria que as formas de acesso variavam de acordo com o espaço, e principalmente, que essa variação estava ligada aos atores sociais que nesse espaço viviam.”

De Almeida, Gilmar Machado. “A Domesticação da água: os acessos e os usos da água na cidade do Rio de Janeiro entre 1850 a 1889”, P.35 (2010)

Na segunda metade do século XIV começa o dismantelamento do regime escravocrata, marcado pela implantação da lei Euzébio de Queiros em 1850, até 1888 com a lei Aurea. Consequentemente, como o sistema de abastecimento de água carioca dependia dos aguadeiros e lavadeiras para funcionar, as demandas por um novo sistema se intensificam rapidamente. É nesse período que a água começa a ser comercializada. Já em 1840 começam a ser implementadas as primeiras penas d’água, a distribuição diretamente às residências. Primeiro para os prédios públicos, religiosos e residências da Candelária. A implementação dessa estrutura vai se intensificando no decorrer do século XIV, mas não significa o fim do sistema anterior.

A concessão das penas d’água dependia do reconhecimento socioeconômico dos estabelecimentos e residências. A diferença no acesso à água acentuou-se cada vez mais. Em determinados espaços, recebia-se fornecimento direto e intermitente, enquanto a maior parte da população se via obrigada a buscar água em baldes nas bicas e chafarizes, muitas vezes distantes.

Nesse período, o governo imperial continuou investindo no fornecimento de água público com novos sistemas de canalização, novas bicas e chafarizes. Além de ampliar capacidade de fornecimento da rede de distribuição, construiu caixas de decantação e de purificação que proporcionaram melhor qualidade da água. O sistema ainda era dependente das variações climáticas, a população sofria nos períodos de estiagem. A pressão do crescimento urbano sobre os mananciais fez com que o sistema de abastecimento de água chegasse à década 1860 a beira de um colapso. Ainda após a adesão dos últimos mananciais do Maciço da Tijuca ao sistema abastecimento de água, a cidade necessitou de novos mananciais.



Mapa produzido a partir do site ImagineRio. Ano 1850.

A construção/desconstrução da paisagem

Na década de 1880, com o constante aumento da necessidade por mais água, foram buscar água de fora da cidade, na Baixada Fluminense, e todo o sistema antigo ficou obsoleto. A captação das fontes nas serras de Duque de Caxias e de Nova Iguaçu deu origem ao chamado Sistema Acari ou Sistema das Cinco Linhas Pretas: São Pedro (1877), Rio D'Ouro (1880), Tinguá (1893), Xerém (1907) e Mantiqueira (1908).

O reservatório do Carioca foi sendo desativado, as canaletas por onde a água seguia foram demolidas, os chafarizes secaram e com desativação do Aqüeduto da Carioca foi reaproveitado em 1896 para dar suporte ao bonde. A água agora vinha diretamente da Baixada Fluminense para as torneiras. O Chafariz da Carioca foi demolido em 1925. A Caixa da Mãe D'Água, reservatório construído para captar e decantar a água da nascente do Rio Carioca na Floresta da Tijuca, foi desativada na década de 1980. Apesar de ser um patrimônio histórico, ficou muito tempo abandonada antes de passar por um processo de revitalização.

Em funcionamento desde o ano de 1880, o Reservatório do Pedregulho, em São Cristóvão, passou a cobrir a Zona Sul da cidade e a Zona Norte. Em 1940, com a inauguração da primeira adutora de Ribeirão das Lajes, foi estabelecida a ligação Lajes-Reservatório do Pedregulho, que passou a ser o grande centro distribuidor no coração da cidade. Na década seguinte, com a conclusão da segunda adutora de Lajes, e com a captação das águas do Rio Guandu, formou-se, também, a ligação Guandu-Pedregulho. A Estação de Tratamento de Água do Guandu, localizada em Nova Iguaçu, é atualmente responsável por cerca de 80% do fornecimento de água para a região metropolitana do Rio de Janeiro.

Do final do século XIX ao XXI os chafarizes continuam sumindo do espaço público carioca e gradualmente desaparecendo da memória coletiva. Seja por demolição ou por desativamento de suas águas, resultando em monumentos secos. São elementos que ainda causam conflito urbano. Quando são usados com funcionalismo, principalmente por moradores de rua, para tomar banho ou lavar roupa, geram um incomodo estético e rapidamente são desativados. Assim como tem ocorrido nos últimos séculos, quando se trata dos chafarizes a função e a estética são colocadas uma contra a outra. O uso social do espaço incomoda.

Reurbanização entorno dos Arcos

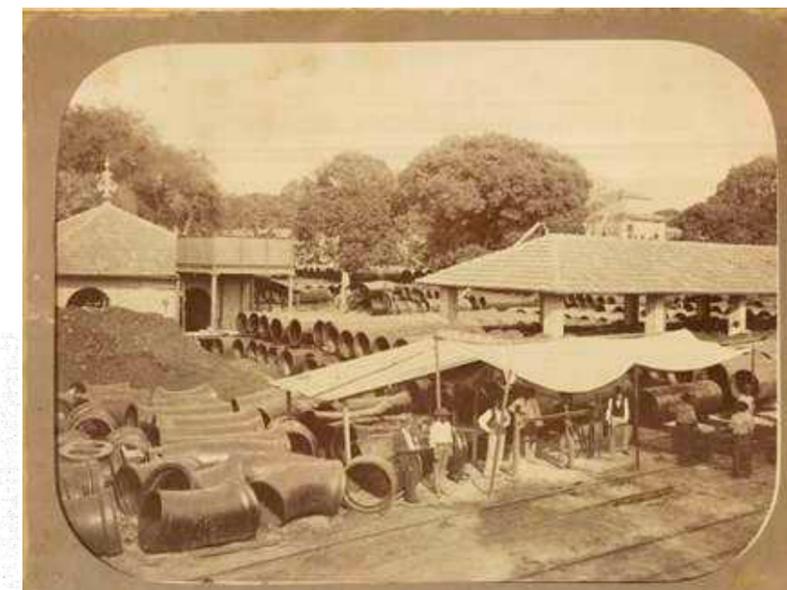
Fotografia de Marc Ferrez, Acervo IMS, 1905.

Arcos da Lapa, já como local de passagem de bondes, durante as obras de reurbanização promovidas pelo prefeito Pereira Passos (1903-1906).



Novos aquedutos

Fotografia de Marc Ferrez. "Obras do abastecimento d'água do Rio de Janeiro: Quinta do Cafú: telheiros das machinas de experimentar tubos", Acervo FBN 1877-1882.



BANHOS
DE
CHUVA E OUTROS
TRAVESSA DO BOM JESUS
E NO PHAROUX
CADA BANHO 4\$000, SETE CARTÕES DE DITO 5\$000
Estão abertos
desde o romper do dia até às 11 horas da noite.

DEPOSITOS PARA AGUA
BANHEIRAS DE PORCELLANA
Urinarios desde os mais ordinarios até os mais finos

PIAS DE COZINHA
E TODOS OS MATERIAES NECESSARIOS PARA
ENCANAMENTO
TIJOLOS DE FOGO DE STOURBRIDGE
156 RUA DO RIACHUELO 156

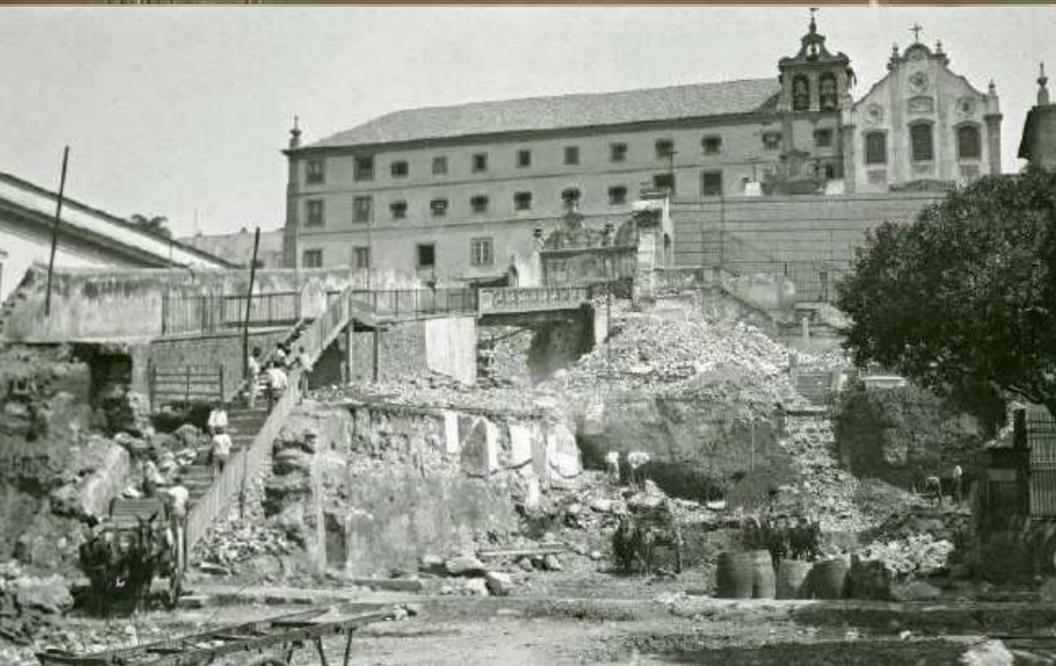
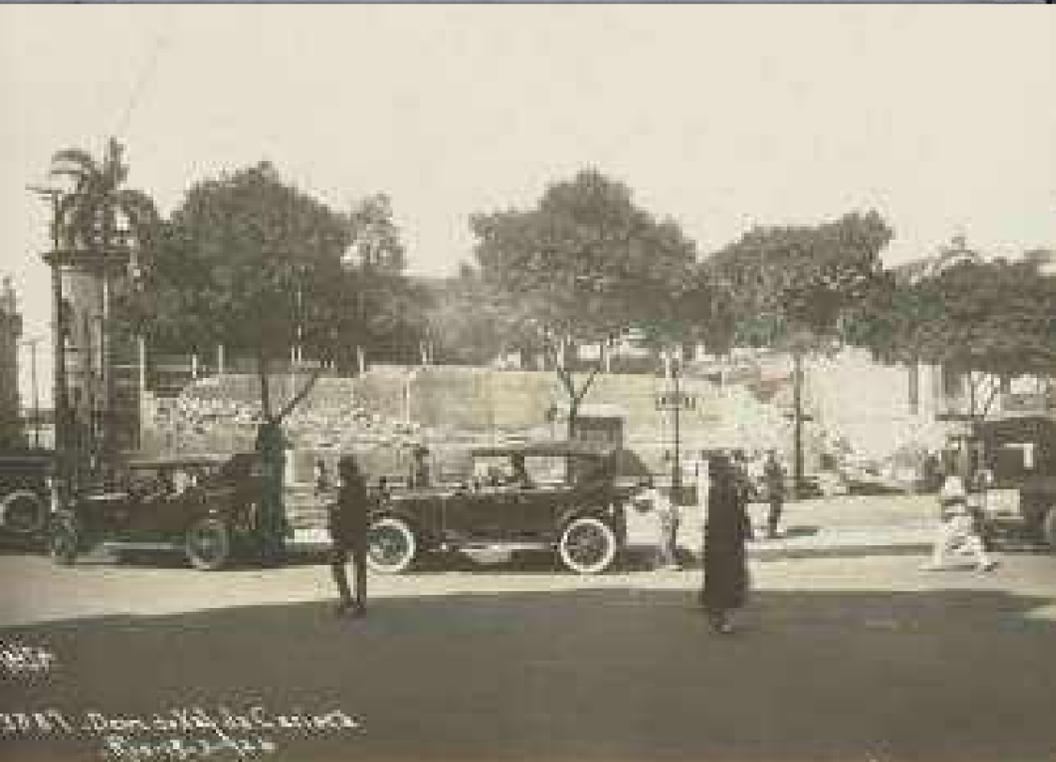
CANOS DE BARRO VIDRADOS
PARA ESGOTOS
de 24, 18, 12, 9, 6, 4, 3 e 2 polegadas de diametro e 24 de comprimento
COM AS COMPETENTES JUNÇÕES E CURVAS

Latrinas de patente e ordinarias
RALOS E SYPHONES
UNICA AGENCIA NO RIO DE JANEIRO DOS AGREDITADOS FABRICANTES INGLEZES
SRS. HENRY DOULTON & C.
Cujos productos forão premiados com as medalhas da primeira classe nas Expositões de Londres de 1851 e 1853; Expositão Universal, Paris 1867; Hamburgo 1863; Porto 1865; Nova Zelândia 1865; Auxerre 1866; Caen 1867; Amsterdam 1869; Vienna 1873; Philadelphia 1877 e le Grand Prix de Paris 1878.
156 RUA DO RIACHUELO 156

Novos hábitos

Anúncios do Almanak Laemert de 875.

Novos produtos vindos da cultura da água privatizada. Com a ampliação do acesso à água foram criadas as casas de banhos, como um espaço de sociabilidade criado pela ampliação do acesso à água.



Demolição Chafariz da Carioca
Fotografia por Luciano Ferrez. Arquivo Família Ferrez, 1925.

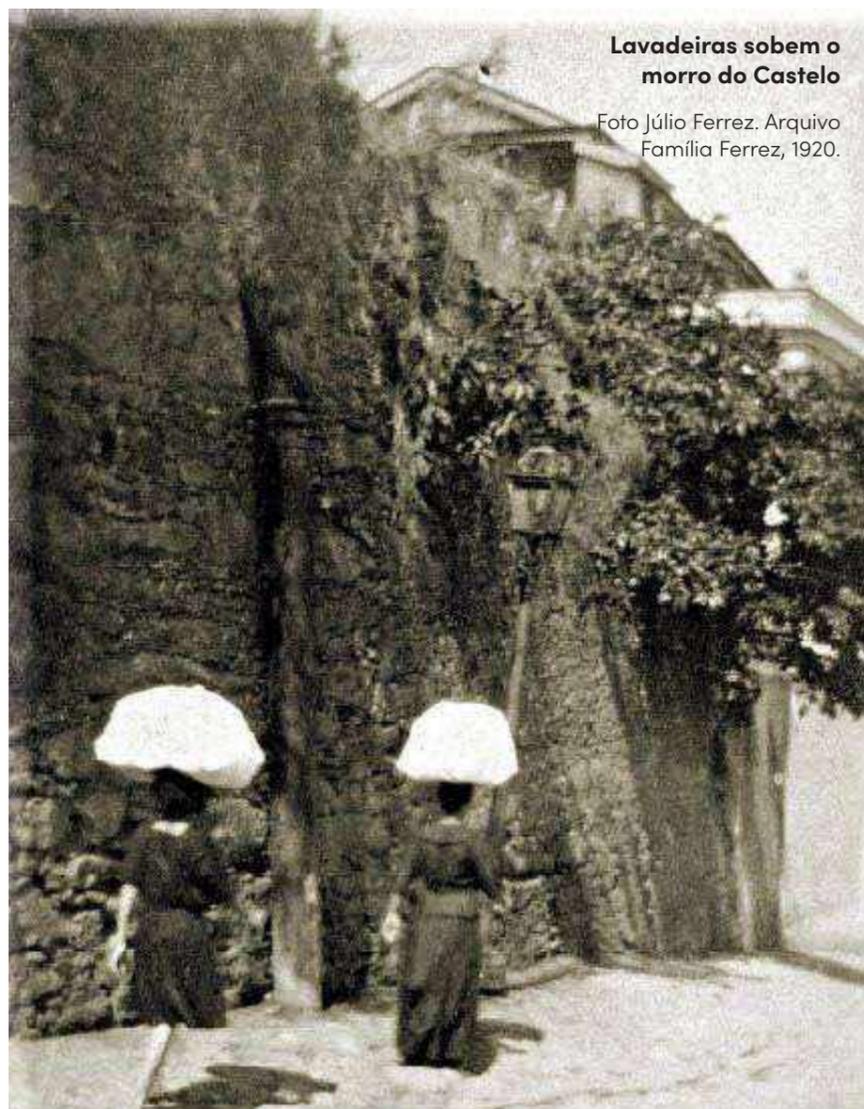


DEMOLIÇÃO DO MORRO DO CASTELO

**USO DE JATO D'ÁGUA NA
DERRUBADA DO MORRO
DO CASTELO**
Fotografia de Augusto
Malta, Acervo IMS, 1928.

CHAFARIZ DO DO CASTELO
Fotografia Júlio Ferrez.
Arquivo Família Ferrez, 1921.

Fotos bebedouros
Arquivo Família Ferrez, 1920.



Lavadeiras sobem o morro do Castelo

Foto Júlio Ferrez. Arquivo Família Ferrez, 1920.



Falta d'água.
Favela. No Morro da Gamboa, região central do Rio, crianças carregam latas e baldes de água na cabeça devido à falta de água /1956/ AGÊNCIA O GLOBO.

03.

LUGARES QUE SECARAM

Questões sobre espaços carregados de história, mas
desassociados de memória.

“O sentimento de continuidade torna-se residual nos locais. Há lugares da memória porque não existem mais meios de memória”

Nora, Pierre Nora. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. Revista Projeto História. São Paulo (10), 1993.

Lugares de memória

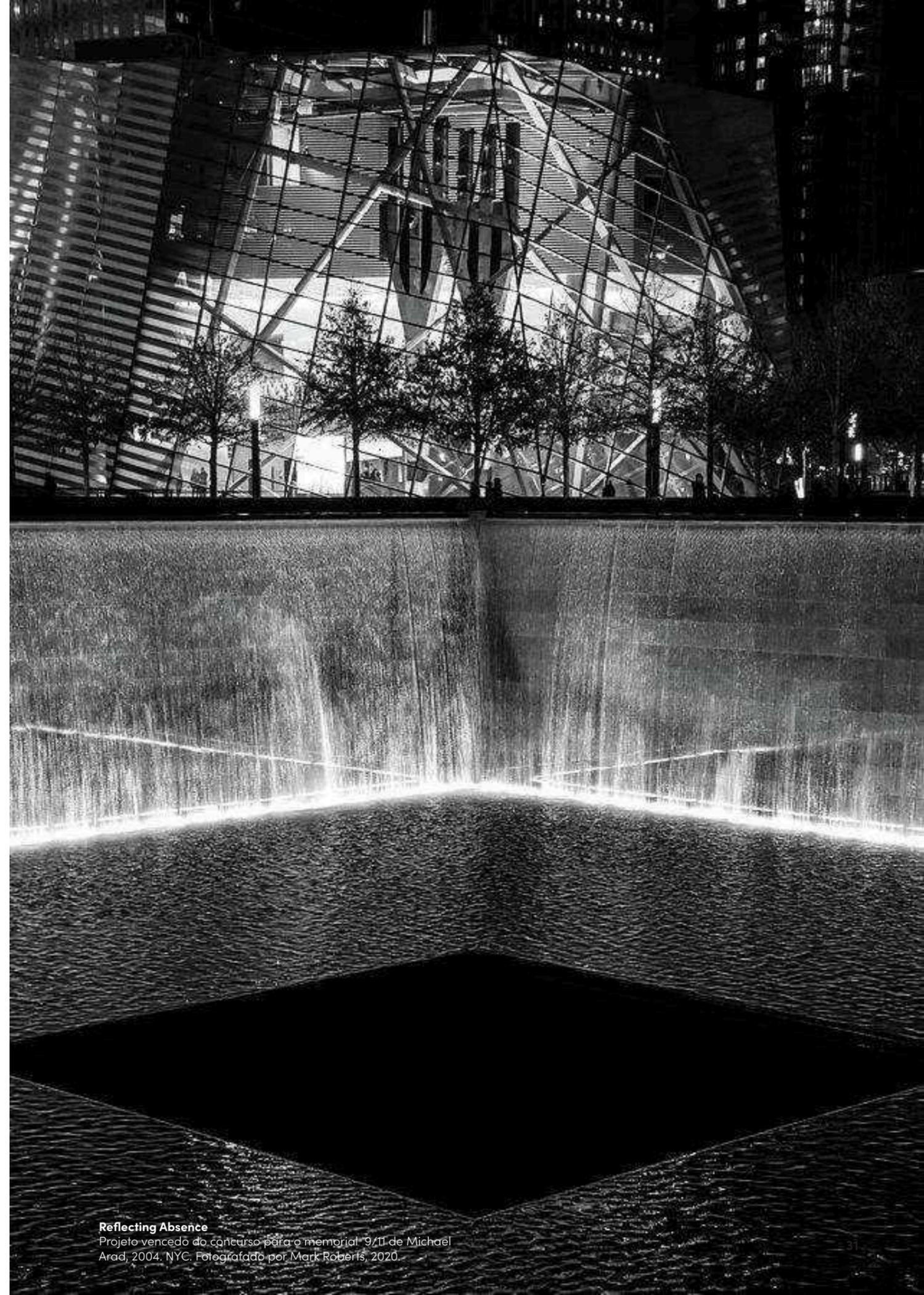
Os chafarizes, antes locais de intensa sociabilidade, hoje estão secos em todos os sentidos da palavra. Ninguém mais bebe, ninguém mais se banha. Caso tente...

Sede.

Entendendo a importância e funcionalidade da água no espaço público, ainda há um aspecto importante a ser abordado. Seria descabido fazer um trabalho sobre os chafarizes cariocas sem compreender os monumentos como patrimônio e todo o peso que essa denominação carrega. Por isso, antes de propor uma intervenção, busca-se incorporar a complexidade das relações nos lugares de memória.

Em “Entre Memória e História: A problemática dos lugares” (1993), Pierre Nora separa conceitualmente “história” de “memória”. Essa distinção de terminologia é essencial para entender as contradições dos espaços analisados. Espaços moldados pela água, mas que perderam seu contato, carregados de história, mas desassociados de memória. Nora define a memória como um fenômeno vivo, em permanente evolução dialogando com a lembrança e o esquecimento. “A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto.” (P.09). Está atrelada ao presente e ao futuro, em eterna construção. A memória encontra um elo na afetividade e no sentimento de pertencimento e depende de uma vivência coletiva para existir, e por isso, está relacionada à ideia de identidade social. Enquanto a história está atrelada ao passado. Consiste na reconstrução do que não existe mais. Da mesma maneira que pertence a todos, a história não pertence a ninguém, uma vez que não abre precedente para a subjetividade. Portanto, diferentemente da história que é dada como factual, a memória pode desaparecer. Não há memória espontânea, logo surge a necessidade de instrumentos de apoio tangíveis, dos lugares de memória.

“Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas na praia quando o mar se retira da memória viva.” (P.13)



Reflecting Absence

Projeto vencedor do concurso para o memorial 9/11 de Michael Arad, 2004. NYC. Fotografado por Mark Roberts, 2020.

**O que é um
monumento sem
água?**

AQUEDUTO

BICA

CHAFARIZ

FONTE

TORNEIRA

CANO

RIO

CAIS

RUINA



Mitologias Urbanas: Águas Férteis.
Coletivo Líquida Ação



PRAÇA CARDEAL CÂMARA

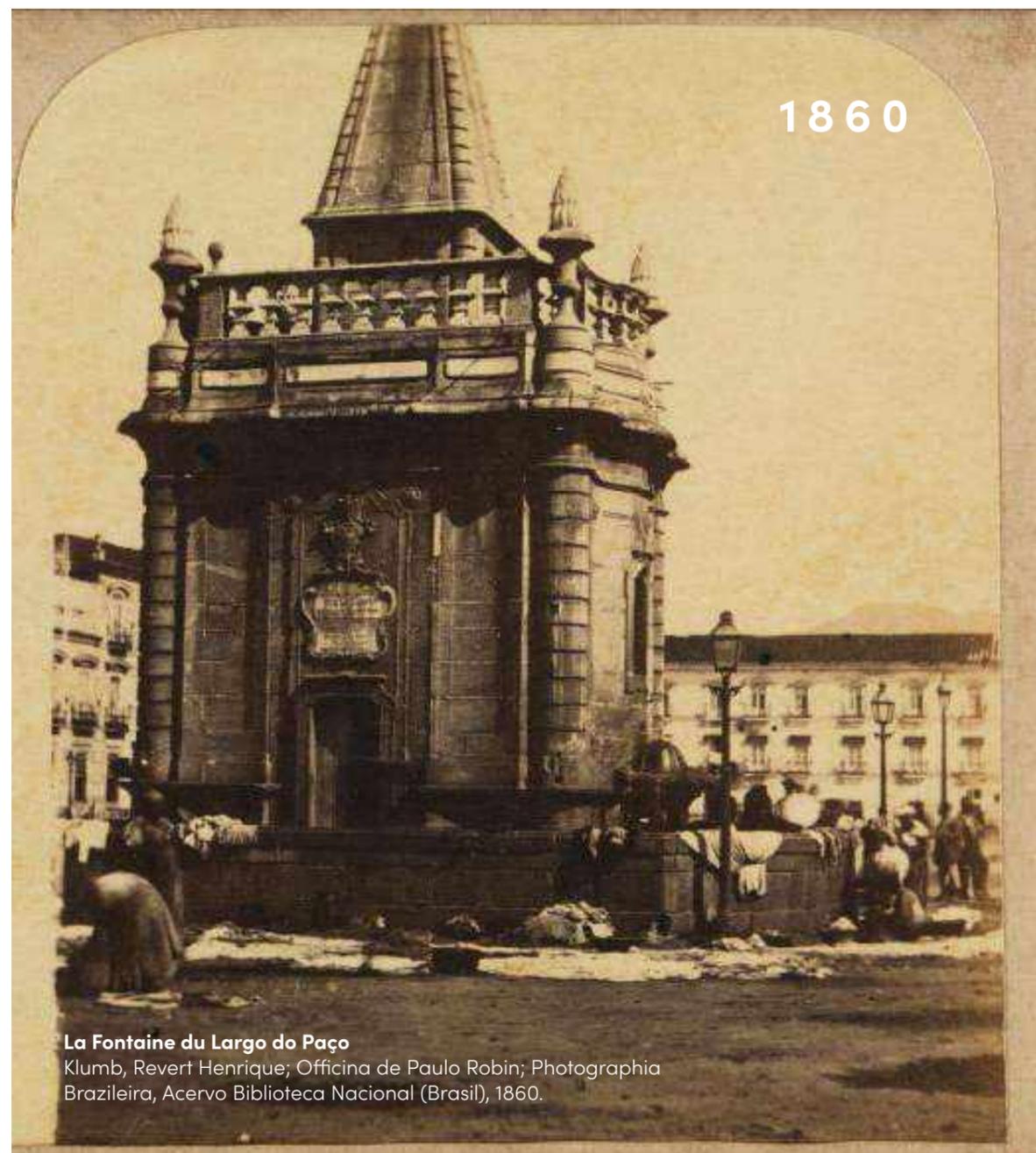
PRAÇA XV DE NOVEMBRO

LARGO DA CARIOCA

Nesses lugares existe um misto de pertencimento e desprendimento. Neles a água é um elemento de distanciamento histórico. Uma memória na qual não mais habitarmos, sem participação ativa no espaço, mas ainda presente em sua ausência. Existe então a necessidade de reativar o que Nora se refere como “memória verdadeira”. Derivada da vivência, é imediata, reside no gesto, no hábito, no corpo. Em contraponto, o que hoje acontece seria a memória indireta, voluntária e deliberada. Uma relação não mais espontânea com o lugar, mas sim um esforço consciente de compreensão de sua história.

Que os arcos carregavam água é um conhecimento comum, mas é um passado distante, sem mais testemunhos. O Chafariz do Mestre Valentim só é identificado como chafariz para quem sabe seu nome. O Chafariz da Carioca não deixou vestígios no Largo. Para quem hoje está no lugar seco, por que pensar em água? A história necessita da memória.

Surge então o desejo de trazer de volta ao lugar a memória vivida/ espontânea, através da participação do corpo no espaço. Criar apoio tangível para a memória. A intervenção é pensada como forma de ressignificar o local, entendendo a água como elemento principal da intervenção e toda outra estrutura proposta como suporte para ela.



O artigo faz uma crítica ao uso do chafariz por parte de moradores de rua para lavar roupas. A foto usada no artigo é ironicamente similar à de Klumb (1860), na qual retrata as lavadeiras utilizando o chafariz.

Durante mais de um século o Chafariz da Praça XV foi responsável pelo fornecimento direto de água para as embarcações que atracavam na baía de Guanabara, para o Palácio dos Vices-reis e também para os aguadeiros e lavadeiras da área central da cidade.



“Quando está sol, o local fica mais cheio, penduram roupas como se aquilo fosse um varal, fica uma zona. Nos dias mais frios, não vejo muita movimentação ali. Mas acho que precisam conservar mais aquela obra tão grandiosa, que traz uma pedaço da história”

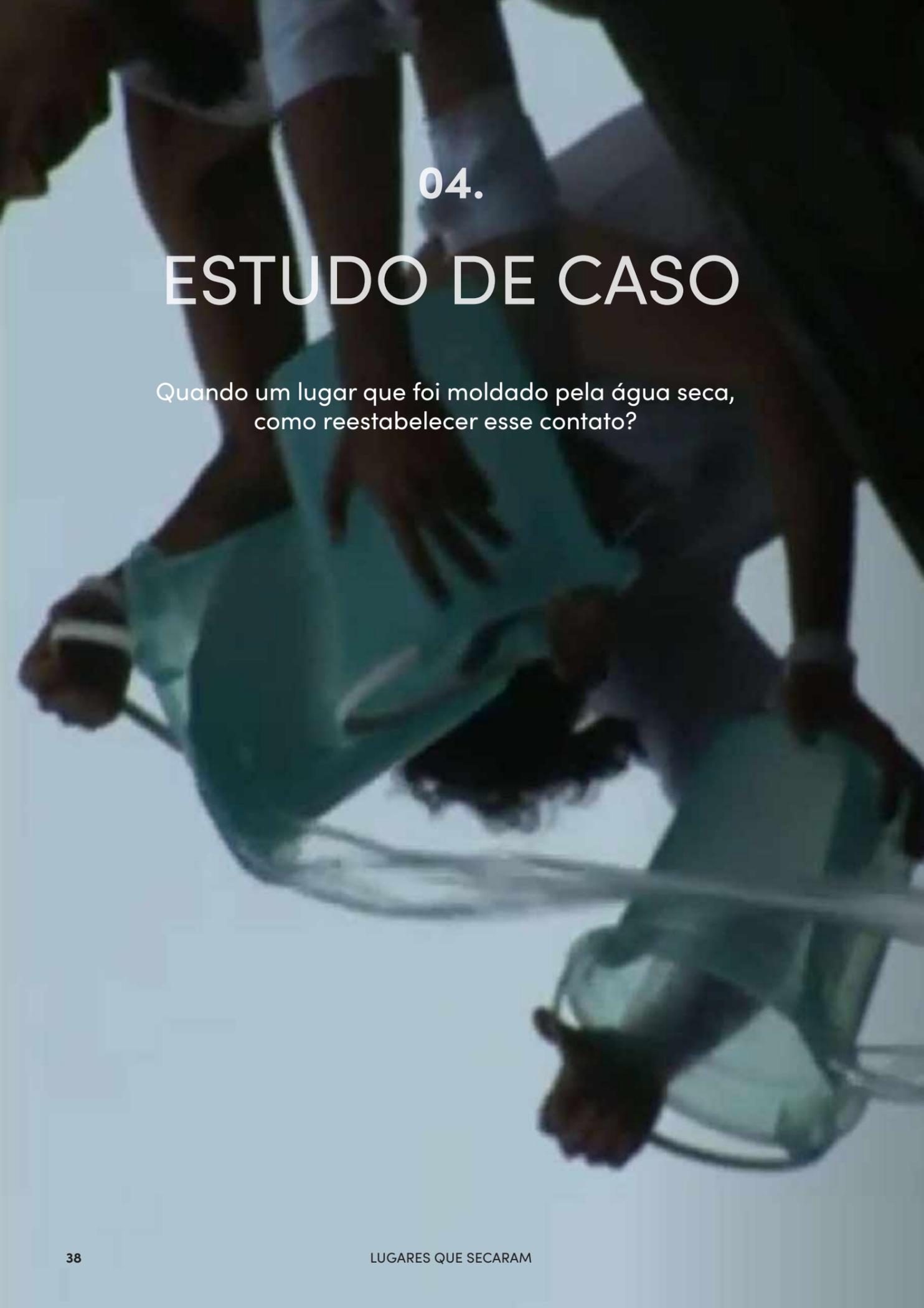


MITOLOGIAS URBANAS: Águas Férteis.

Coletivo Líquida Ação

Prêmio Funarte Artes Cênicas na Rua 2009
- maio 2010

“Restauração efêmera dos chafarizes barrocos que distribuía água potável para a população carioca até o século XIX. A ação coletiva reavive três chafarizes construídos pelo Mestre Valentim com a presença de 280 baldes de água, incorporando as formas arquitetônicas e as atuais condições de secura dos monumentos-chafarizes: Praça XV, Fonte dos Amores e Saracuras. Estas performances de restauração efêmera contaram com a participação ativa dos próprios moradores da cidade, que ajudaram no transporte da água para os chafarizes secos.”



04.

ESTUDO DE CASO

Quando um lugar que foi moldado pela água seca,
como reestabelecer esse contato?

PRAÇA XV DE NOVEMBRO

O Chafariz do Mestre Valentim

As ruínas do Cais do Carmo

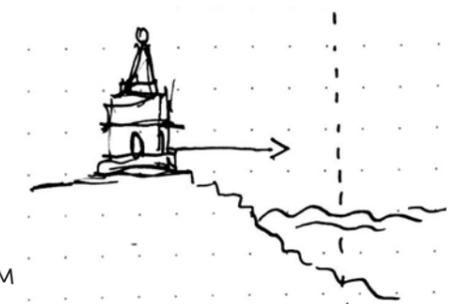
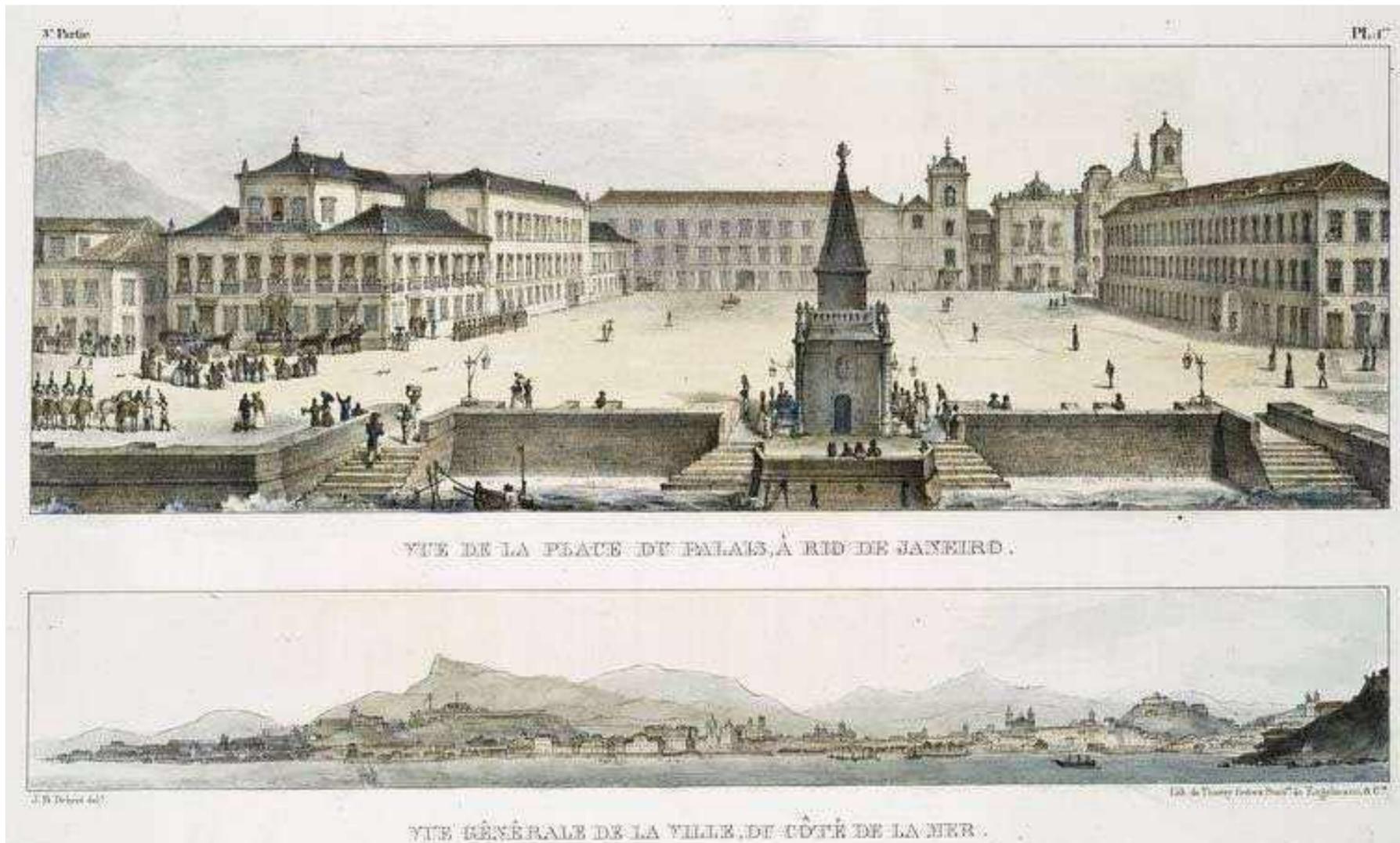
O mar e a água

Atualmente, a Praça XV funciona como um local onde há uma convergência de dinâmicas urbanas e camadas históricas. As diversas transformações urbanísticas levaram à negligência ou até mesmo obstrução de referenciais históricos importantes no local. É notável a persistência do chafariz da Praça XV no espaço, mesmo com as sucessivas transformações ocorridas ao longo dos últimos três séculos em torno do monumento.

Largo do Paço
A partir de desenho de Victor Barrat,
Friedrich Salathé executou e coloriu a
mão esta água-finta, editada por Johan
Steinmann de Basileia, 1826/32.
Coleção Gilberto Ferrez



Em 1750, mesmo ano em que foi construído os Arcos da Carioca, foi segunda fonte monumental do Rio foi construída na atual Praça XV, então conhecida como Largo do Carmo e principal praça da cidade. A água vinha dos aquedutos para a fonte da Carioca e de lá passava por canos subterrâneos de cobre (pela rua do cano, atual Rua Sete de Setembro) para a fonte no Largo do Carmo. Responsável pelo fornecimento direto de água para as embarcações que atracavam na baía de Guanabara, para o Palácio dos Vices-reis e também para os aguadeiros e lavadeiras da área central da cidade. O imenso fluxo de escravos, aguadeiros e marinheiros no meio da praça gerou incomodo ao Vice-Rei. Sob pretexto que ele atrapalhava as marchas militares, em 1775 a fonte foi movida do centro da praça para a beira d'água, junto ao Cais do Carmo no movimento de redesenho do porto para a transferência da capital. Foi então demolido o antigo chafariz e construído o atual chafariz do Mestre Valentin. A praça passou a ser conhecida como Largo do Paço e o chafariz passou a ser a primeira referência para quem aportava na cidade. Foram nos degraus do Cais onde a família real chega.



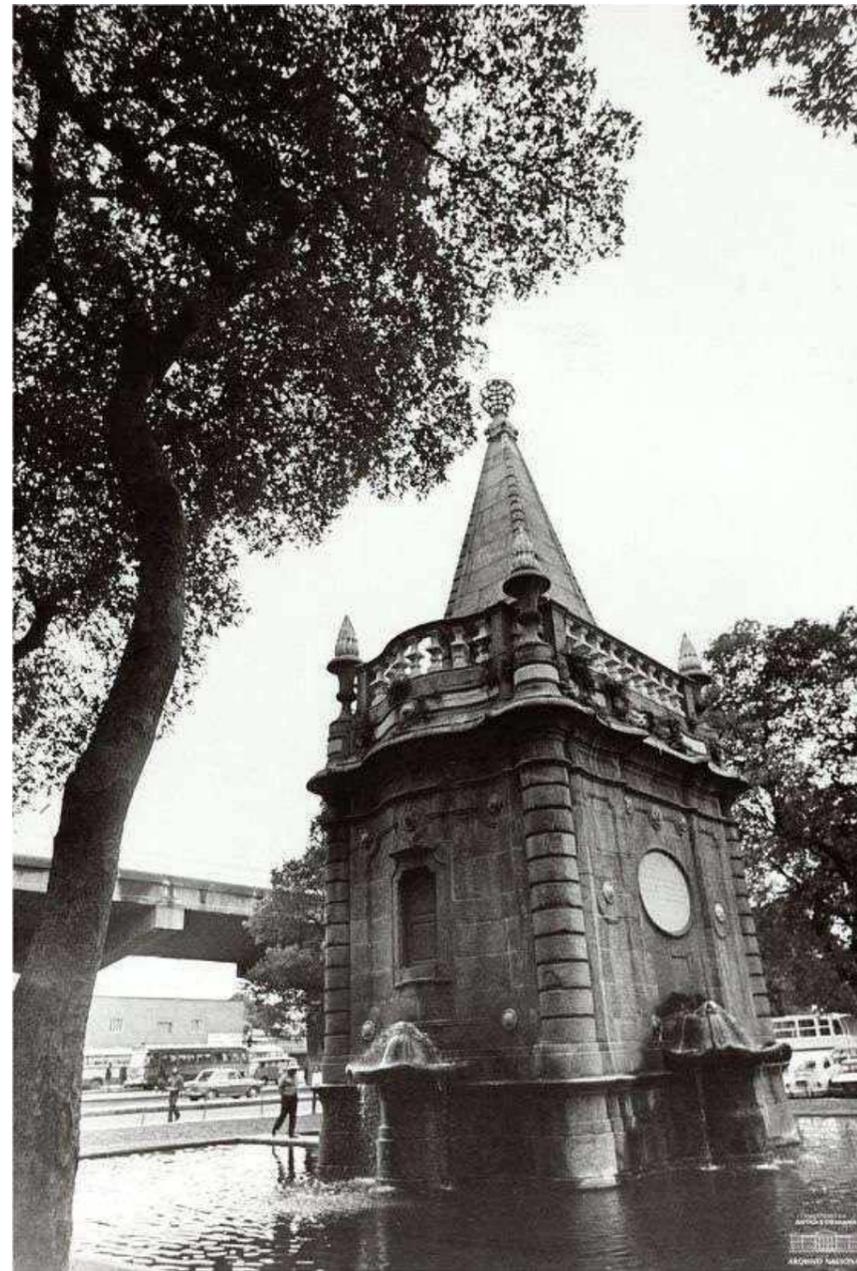


O aqueduto improvisado

Desenho por Pustkow, 1850.

Estrutura feita para abastecer as embarcações e vencer a distância entre o chafariz e o mar imposta pelo aterramento.

Desativado desde a década de 1880, brevemente reativado com o espelho d'água em 1970, transformado em sítio arqueológico em 1988 com a descoberta do antigo cais. Em 1994 é feito o mergulhão para carros e o monumento passa a ser usado para o acesso de pedestres com uma nova escadaria. Em 2016, com as reformas no túnel subterrâneo o acesso a pedestres e a ventilação existentes desapareceram e o trecho foi aterrado e gramado. E assim se encontra atualmente, as escadarias que antes recebiam todos que desembarcavam no Rio, agora desce para o gramado cercado pelas altas paredes de granito. O chafariz que antes tinha o mar aos seus pés gradualmente secou. Não vê mais o mar de seu mirante e nem carrega água nas suas bicas. Quem não conhece sua história não percebe o monumento como chafariz ou as ruínas como cais.



O espelho d'água

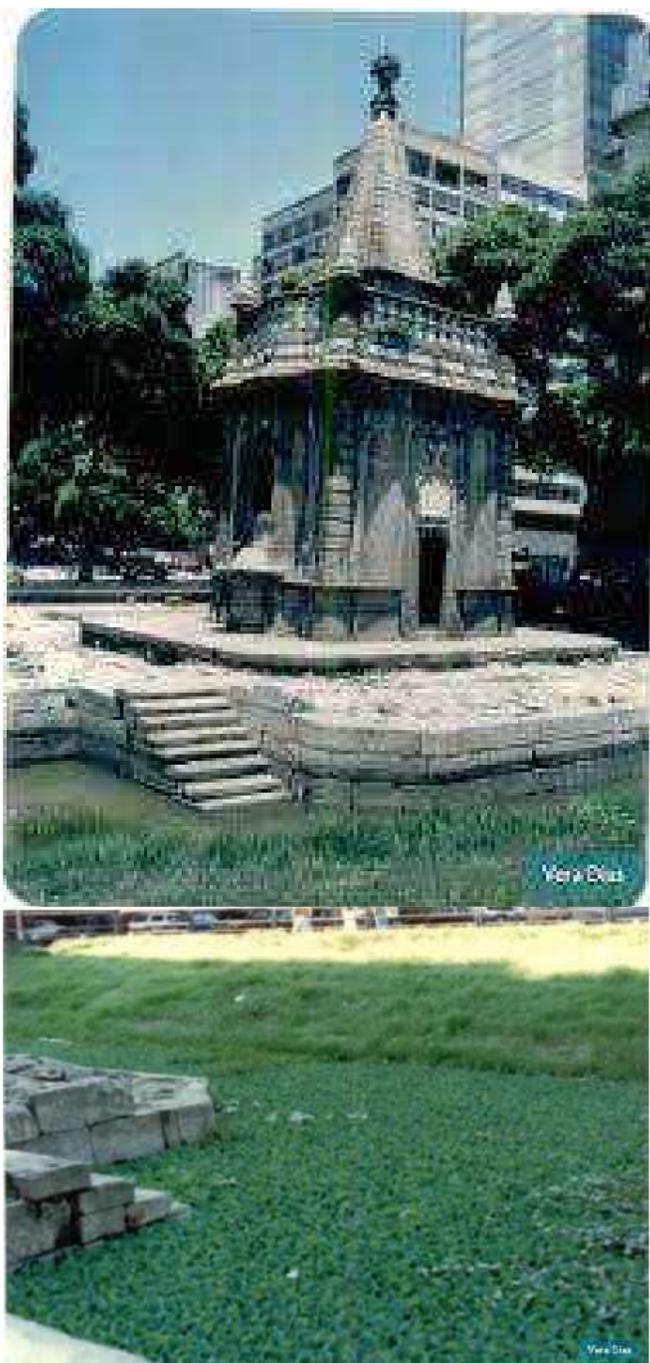
Foto Jaime Klintowitzm , Arquivo Nacional, Fundo Correio da Manhã, 1972.

Projeto aprovado pelo IPHAN, recebeu premiação - Hors-Couours- do IAB, em 1970.

A Escavação

O Jornal O Globo em 1988 noticia a descoberta dos degraus.





1991
Fotografias por Vera Dias.

Com o resgate das ruínas do antigo cais, foi feito um pequeno lago na área, aproveitando o afloramento do lençol freático.



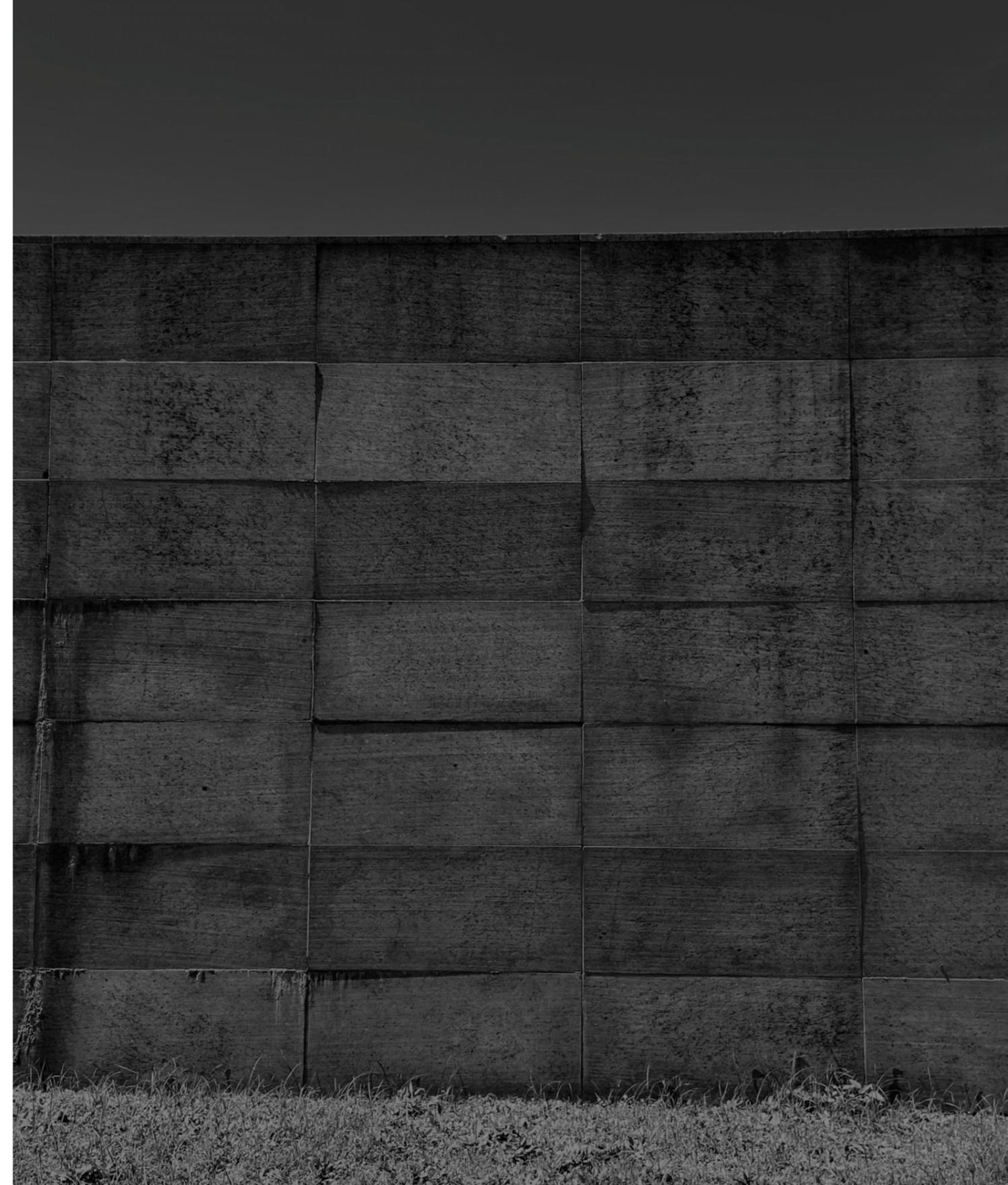
1998
Fotografias por Vera Dias.

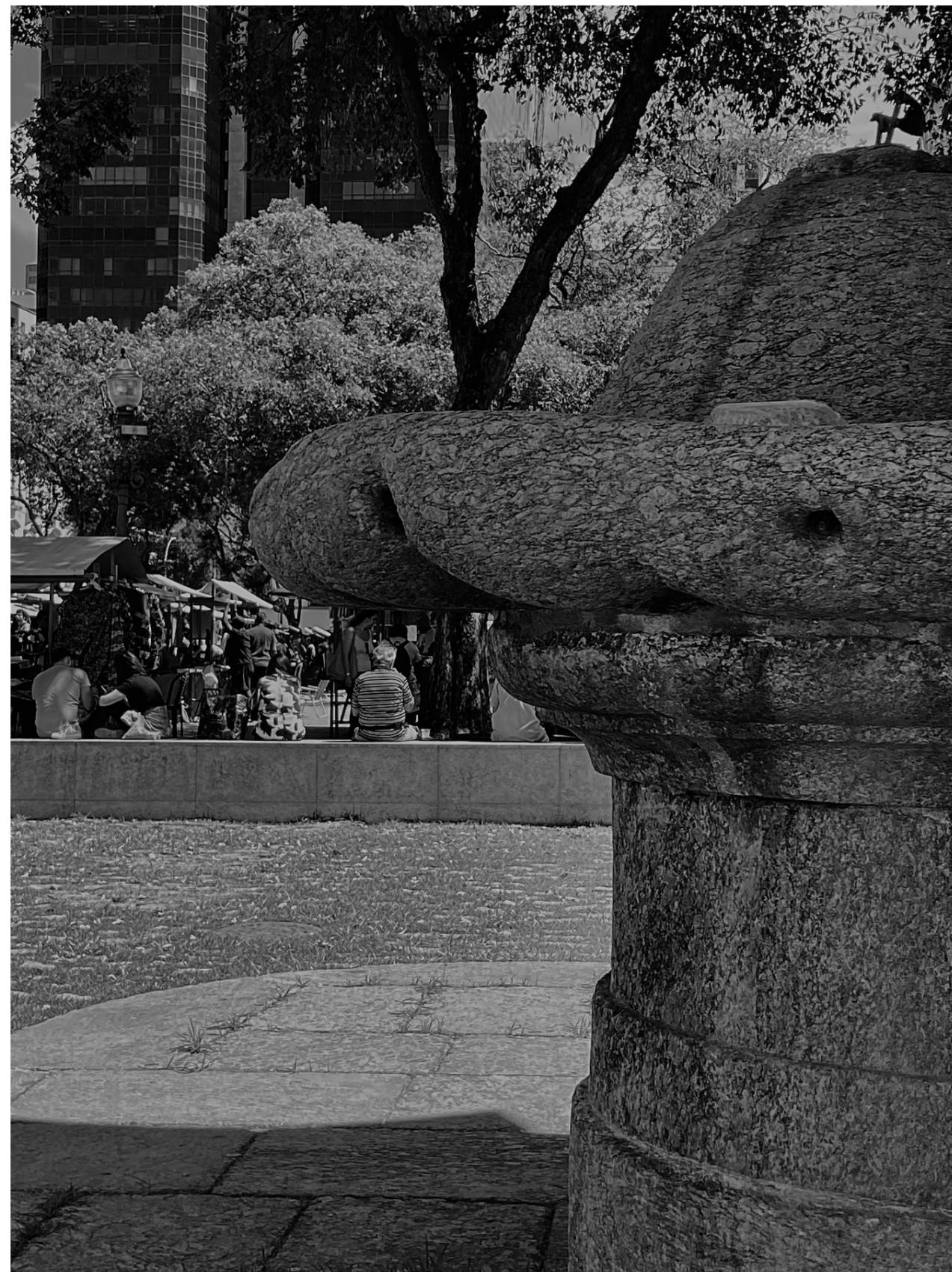
Em 1994 iniciou-se a construção da primeira via subterrânea da Cidade, praticamente em frente ao chafariz. Para acesso de pedestres à via, foi construída uma escadaria principal ao lado do chafariz e outra em frente à estação das barcas.



2016
Fotografias por Vera Dias.

Com a construção do Túnel Marcelo Alencar, o acesso a pedestres e a ventilação existentes foram removidos e o trecho foi aterrado e substituído por um espaço gramado, murado, preservando expostas a antiga murada e os degraus de acesso ao mar.







04. A INTERVENÇÃO



Entendendo o contexto de desconstrução da memória, da arquitetura hostil (seca), a intervenção é proposta pensando na hospitalidade urbana. O ato de trazer água para o espaço público como um convite. Convite para uso, acolhimento. Sinônimo da tradição popular de oferecer um copo d'água para quem visita sua casa, seu espaço. A intervenção busca ser democrática em seu convite. Para que se sintam acolhidos a população circulante e os habitantes do centro. Quem busca a água no espaço público por necessidade ou quem tem poder de escolha.

A importância de reativar o Chafariz do Mestre Valentim é clara. Assim como os muitos outros chafarizes e bicas secos espalhados pela cidade. Como o monumento se encontra atualmente se faz necessário pensar em uma estrutura para receber a sua água. A solução primária é uma estrutura revestida por um conjunto de painéis de grade eletrofundida junto ao embasamento do chafariz, recuada 10 cm de seus pés e respeitando seu acesso. Sob essa superfície a água é coletada e direcionada para o dreno.

Pensando na importância histórica do Chafariz do Mestre Valentim, do Cais do Carmo e sua forte relação com o mar, surge o desejo de buscar essa memória. A conexão do lugar com o mar foi fortemente interrompida. É uma memória muito distante, navegando num misto de pertencimento e des-pertencimento.

O vazio atual, resultado das diversas operações urbanas ocorridas na praça, permite resignificação, espaço para trazer a água de volta. Nivelado com o último degrau do antigo Cais se estende o espelho d'água. A pedra escura, cria a ilusão de profundidade, mas na verdade a lâmina d'água é rasa e permite que se caminhe sobre ela. A intervenção usa de um sistema de aspersores junto ao espelho d'água. Isso tornando a presença da água quase intangível, ficando entre o estado gasoso e o líquido, preenchendo e destacando o vazio.

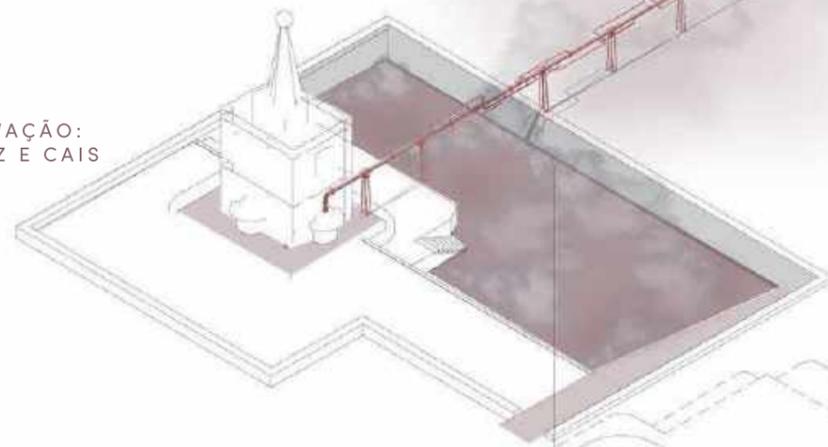
Ao descer nos degraus do cais não se depara nem mais com o mar nem com o vazio seco atual, mas sim com a água em um estado inconstante e de presença mutável. A intervenção provoca os sentidos e a memória, gera curiosidade de imersão.

Com o objetivo de expandir a presença da água na praça é proposto um sistema de tubos para bombear parte da água do chafariz, permeando os vazios da Praça XV e possibilitando novas experiências. Funcionando como um aqueduto, o sistema acaba no mar, reconectando chafariz e mar, praça e água.

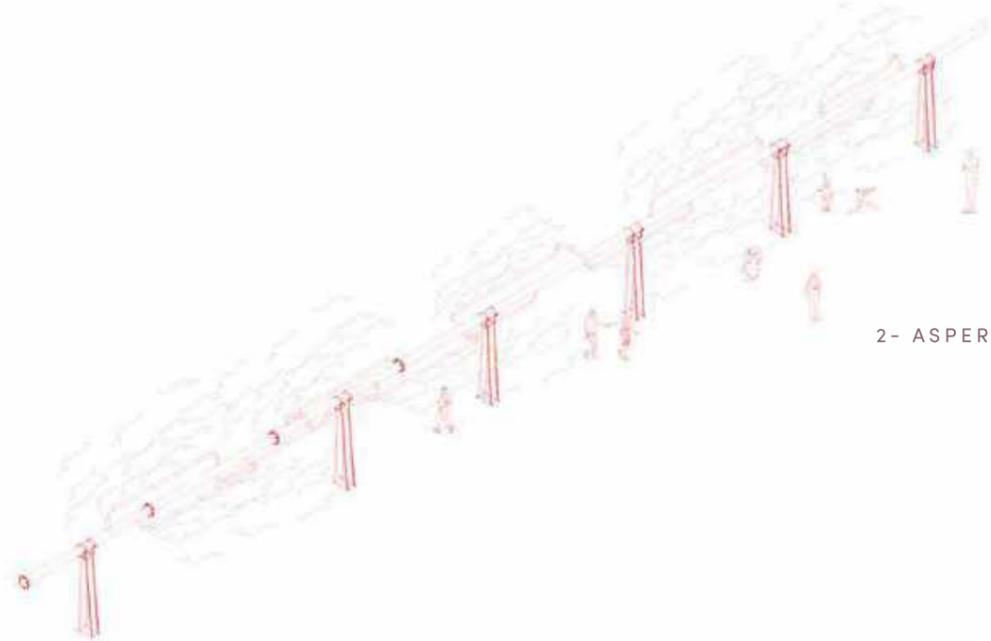
Desse eixo Chafariz-Mar e se desdobram bicas, chuveiros, aspersores e bebedouros, atendendo as diferentes demandas por água no espaço. O projeto procura, através da estética do encanamento aparente, gerar incômodo. De forma provocativa convida ao diálogo sobre o uso e a necessidade da água no espaço. Entendendo o desconforto gerado por certos usos, busca-se testar os limites do espaço público e gerar uma reflexão sobre os lugares que secaram.

Evidenciando uma estrutura geralmente oculta, a intervenção busca trazer de volta, no percurso da água entre o chafariz e o mar, uma conexão entre esses dois elementos e ao mesmo tempo atender as demandas da praça e dos seus usuários. Um convite para imersão, para reapropriar o espaço, lembrar a sua história e criar um novo uso.

1- REATIVAÇÃO:
CHAFARIZ E CAIS



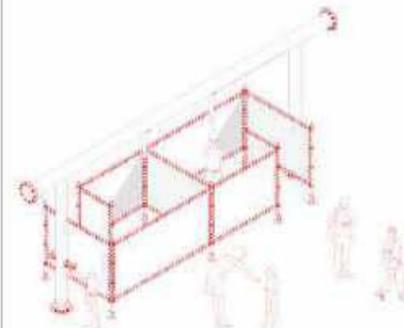
2- ASPERSORES



3- BICAS



4- CHUVEIROS

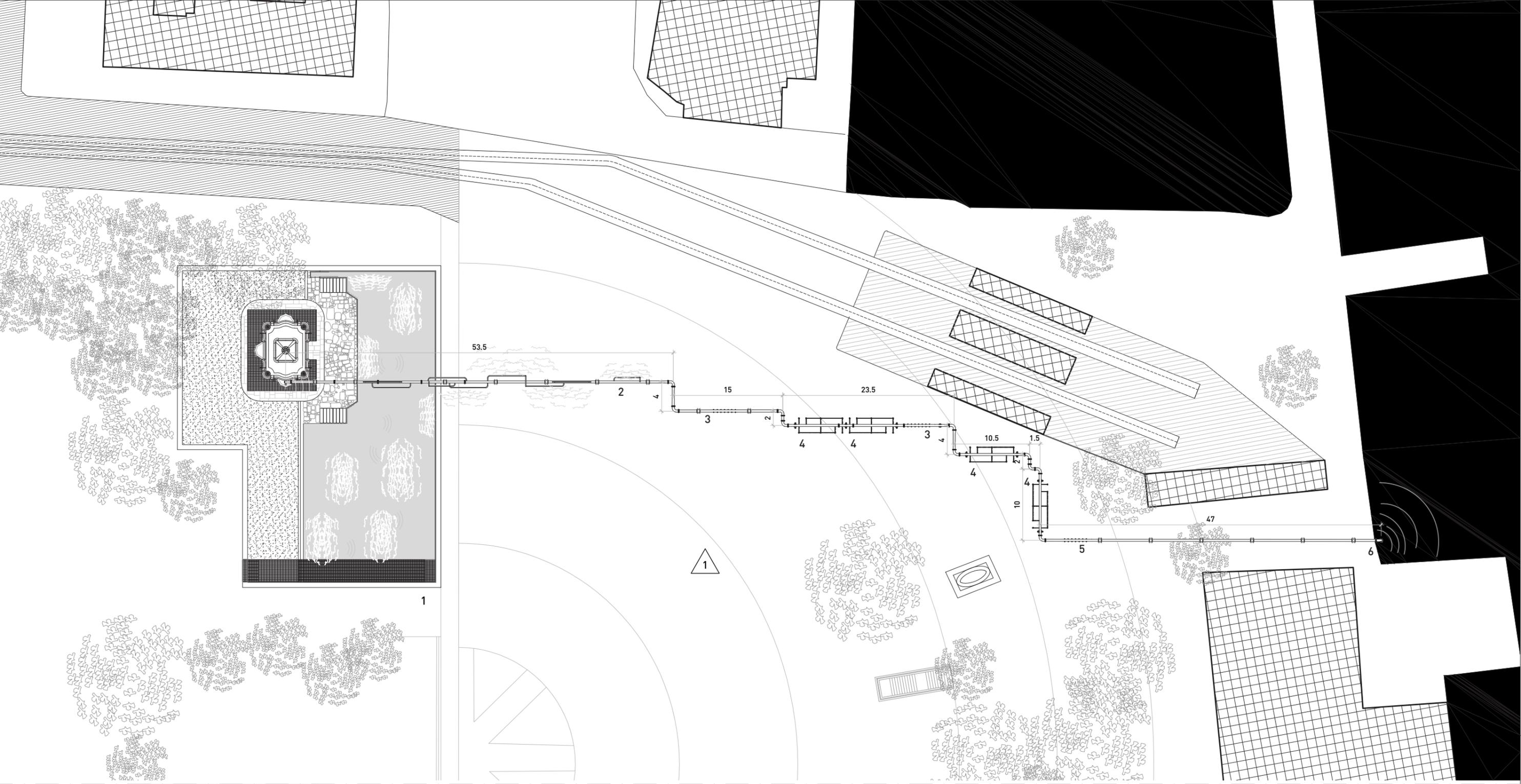


5- ÁGUA DE BEBER



6- CONEXÃO MAR

ÁGUA DE LAVAR
BANHAR
REFRESCAR
BEBER
BRINCAR
BALDEAR
MEMÓRIA



IMPLANTAÇÃO

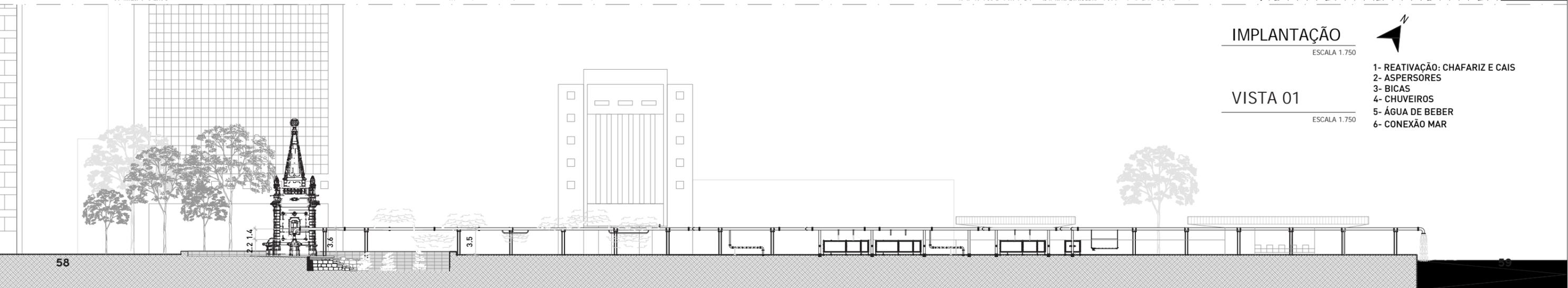
ESCALA 1.750

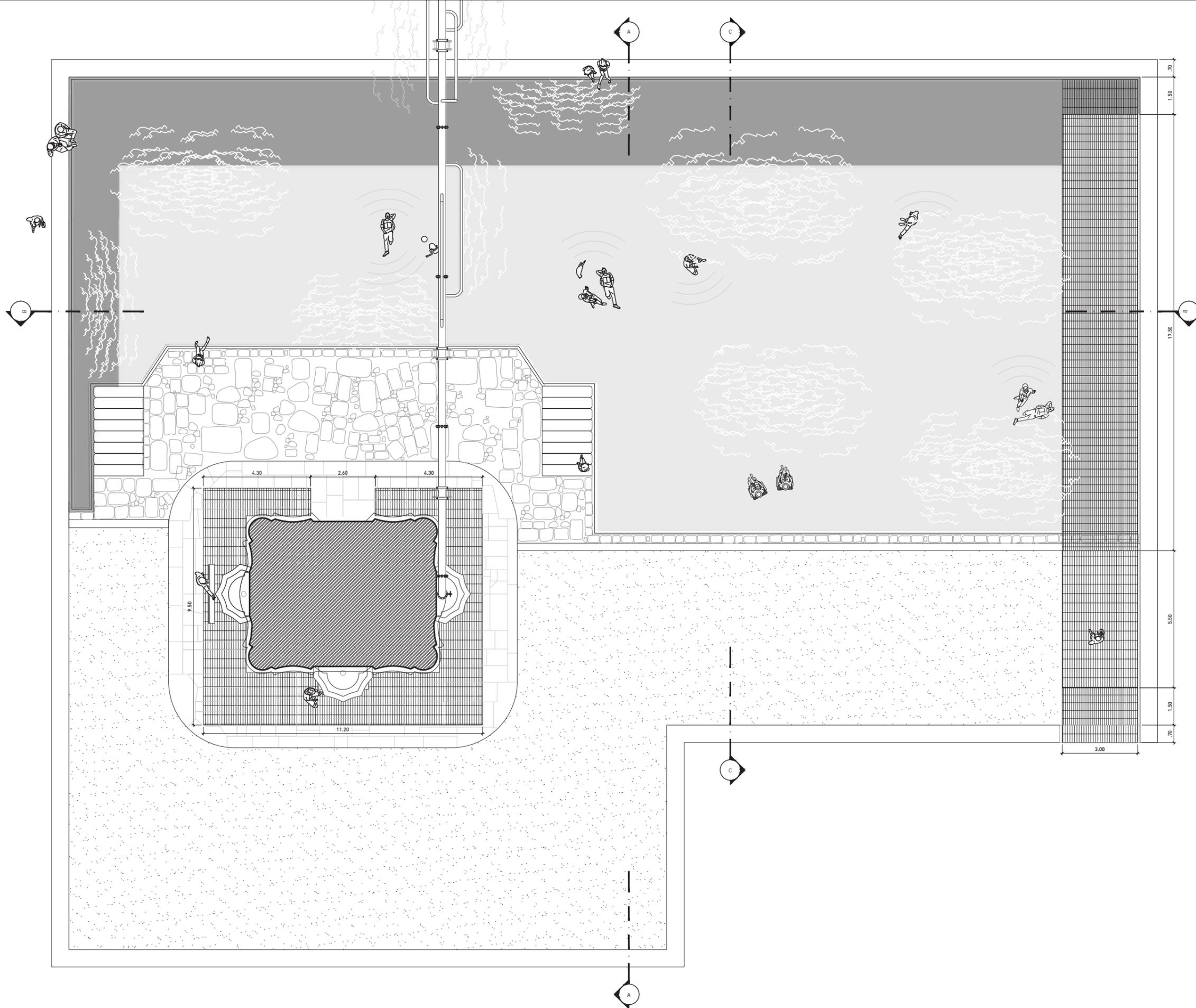
VISTA 01

ESCALA 1.750

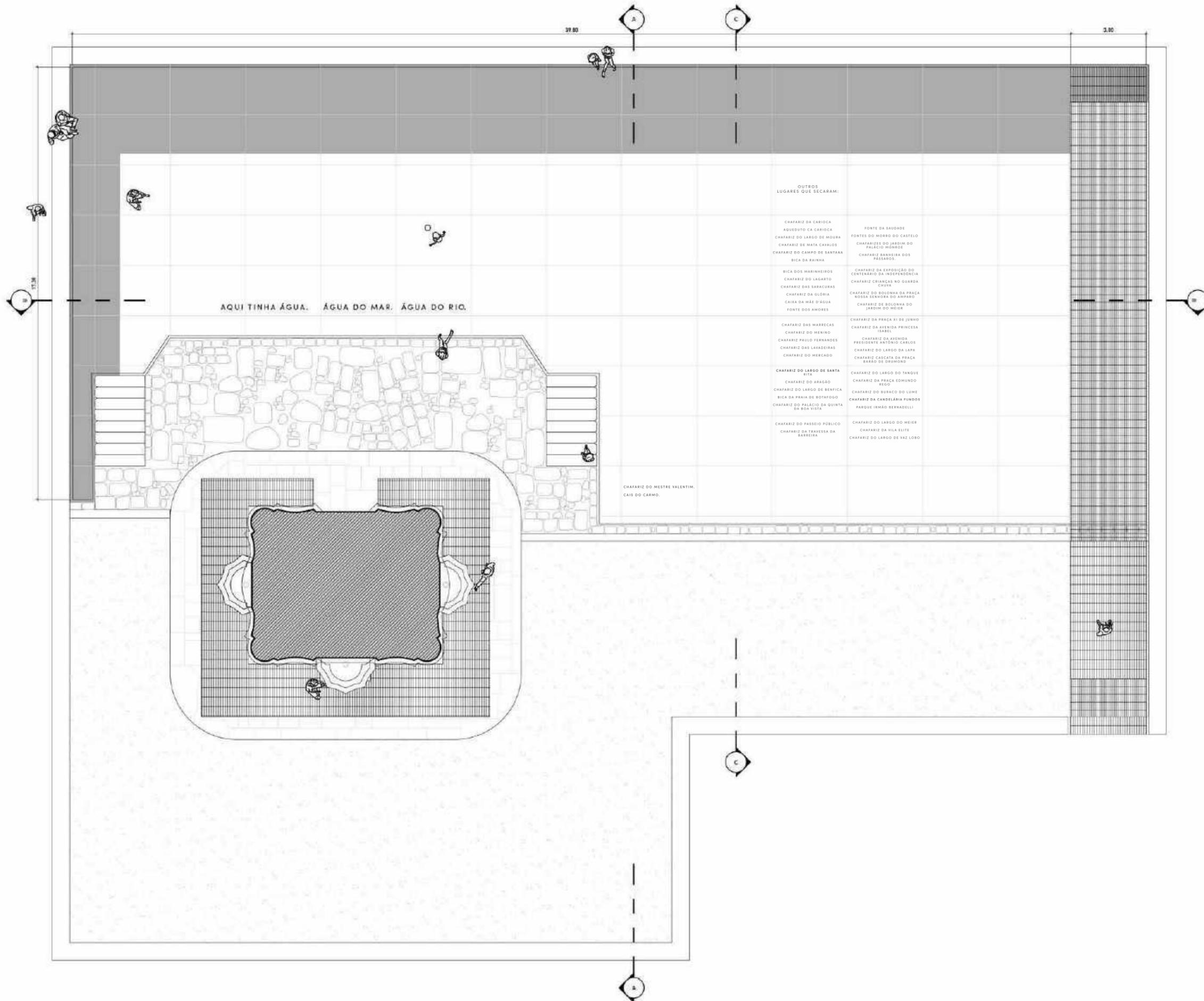


- 1- REATIVAÇÃO: CHAFARIZ E CAIS
- 2- ASPERSORES
- 3- BICAS
- 4- CHUVEIROS
- 5- ÁGUA DE BEBER
- 6- CONEXÃO MAR





PLANTA BAIXA
 ESCALA 1:150



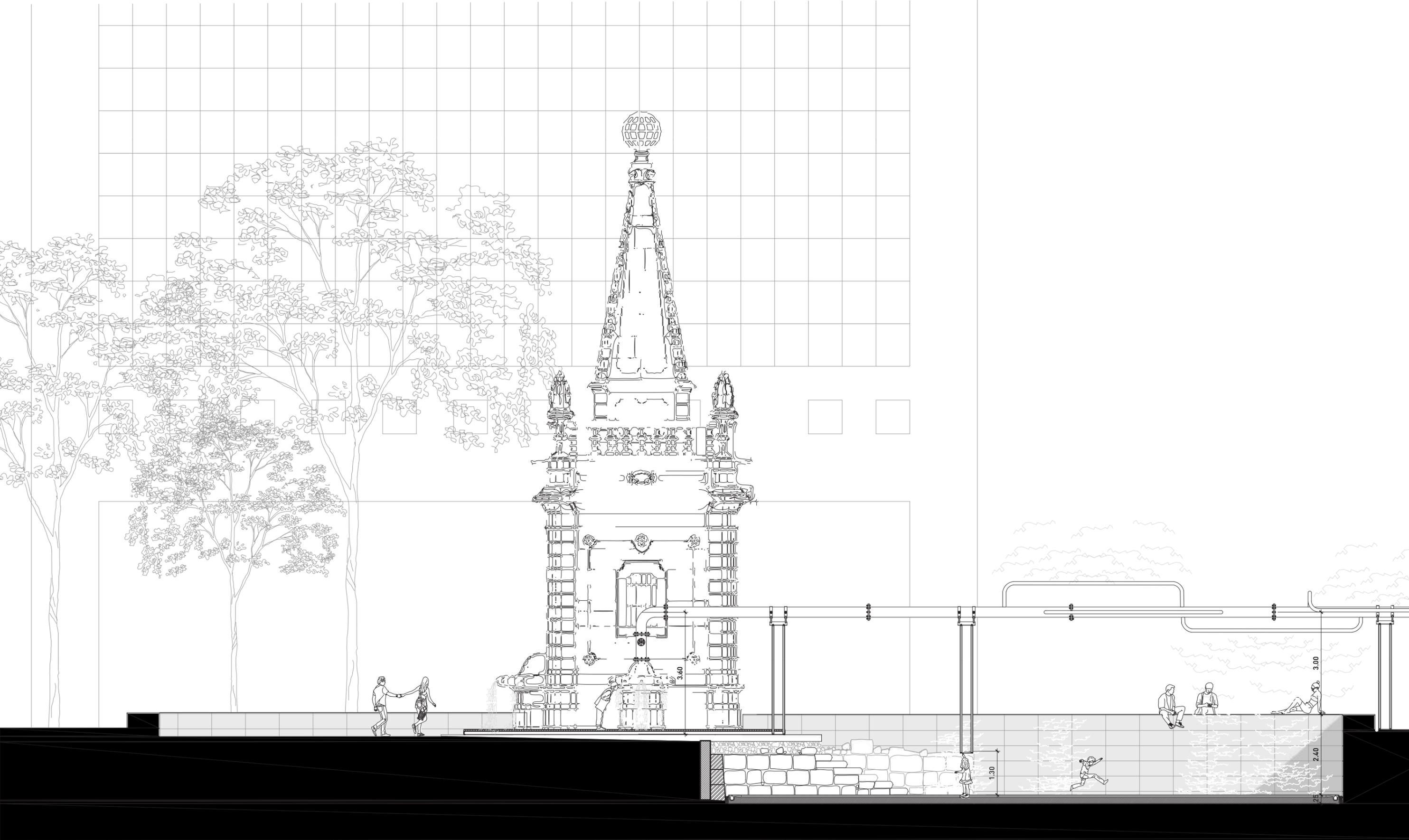
AQUI TINHA ÁGUA. ÁGUA DO MAR. ÁGUA DO RIO.

OUTROS LUGARES QUE SECARAM:

- | | |
|--|--|
| CHAFARIZ DA CARIOCA | FONTE DA SAUDADE |
| AQUEDUTO DA CARIOCA | FONTES DO MORRO DO CASTELO |
| CHAFARIZ DO LARGO DE MOURA | CHAFARIZES DO JARDIM DO PALÁCIO MONTE |
| CHAFARIZ DE MATA CAVALOS | CHAFARIZ BANHEIRA DOS PASSAROS. |
| CHAFARIZ DO CAMPO DE SANTANA | |
| BICA DA RAINHA | CHAFARIZ DA EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA |
| BICA DOS MARINHEIROS | CHAFARIZ CRIANÇAS NO GUARDA CHUVA |
| CHAFARIZ DO LAGARTO | CHAFARIZ DO BOLONHA DA PRAÇA NOVA |
| CHAFARIZ DAS SARACURAS | CHAFARIZ DE BOLONHA DO JARDIM DO MEIER |
| CHAFARIZ DA GLÓRIA | |
| CAIXA DA MÃE D'ÁGUA | CHAFARIZ DA PRAÇA XI DE JUNHO |
| FONTE DOS AMORES | CHAFARIZ DA AVENIDA PRINCESA ISABEL |
| CHAFARIZ DAS MARECCAS | CHAFARIZ DA AVENIDA PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS |
| CHAFARIZ DO MENINO | CHAFARIZ DO LARGO DA LADA |
| CHAFARIZ PAULO FERNANDES | CHAFARIZ CASCATAS DA PRAÇA BARÃO DE DRUMOND |
| CHAFARIZ DAS LAVADEIRAS | |
| CHAFARIZ DO MERCADO | CHAFARIZ DO LARGO DO TANQUE |
| CHAFARIZ DO LARGO DE SANTA RITA | CHAFARIZ DA PRAÇA EDMUNDO REGO |
| CHAFARIZ DO ARAGÃO | CHAFARIZ DO BURACO DO LUME |
| CHAFARIZ DO LARGO DE BENFICA | CHAFARIZ DA CANDELABRA FUNDOS |
| BICA DA PRAIA DE BOTAFOGO | PARQUE IRMÃO BENEDELLI |
| CHAFARIZ DO PALÁCIO DA QUINTA DA BOA VISTA | |
| CHAFARIZ DO PASSEIO PÚBLICO | CHAFARIZ DO LARGO DO MEIER |
| CHAFARIZ DA TRAVESSA DA BANHEIRA | CHAFARIZ DA VILA ELITE |
| | CHAFARIZ DO LARGO DE VAZ LOBO |

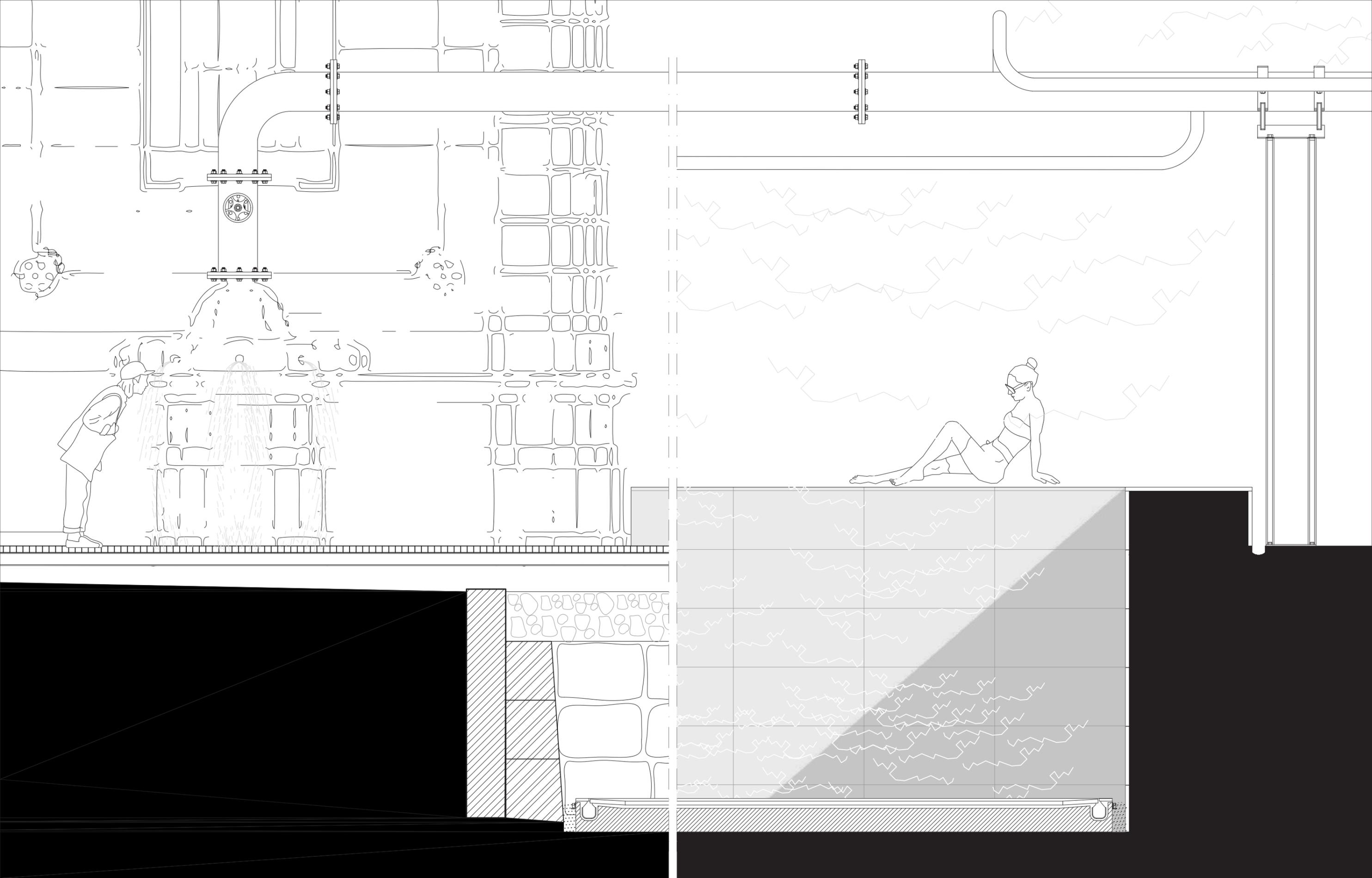
CHAFARIZ DO MESTRE VALENTIM, CAIS DO CABMO.

PLANTA BAIXA
ESCALA 1:150



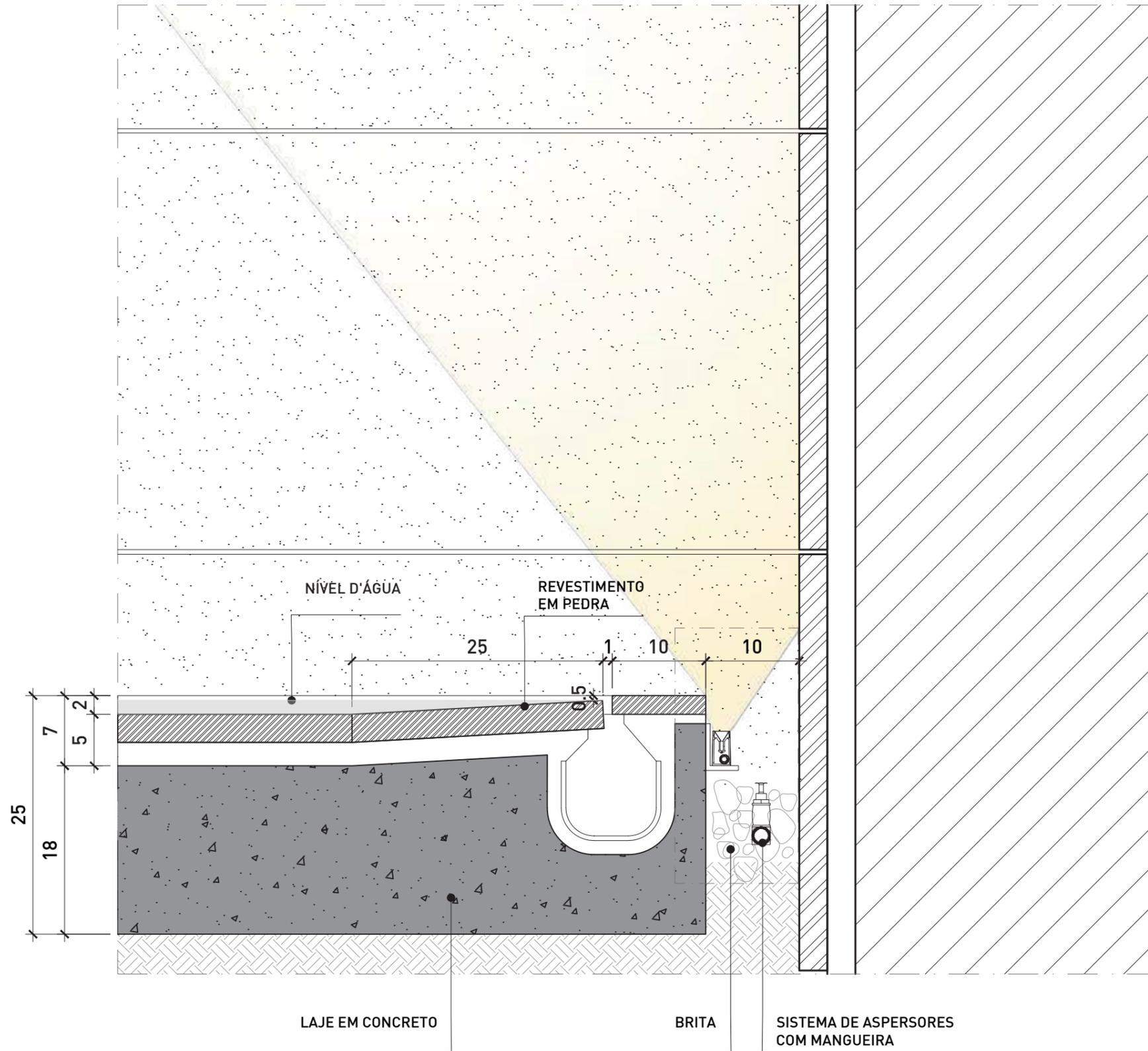
CORTE A

ESCALA 1.100

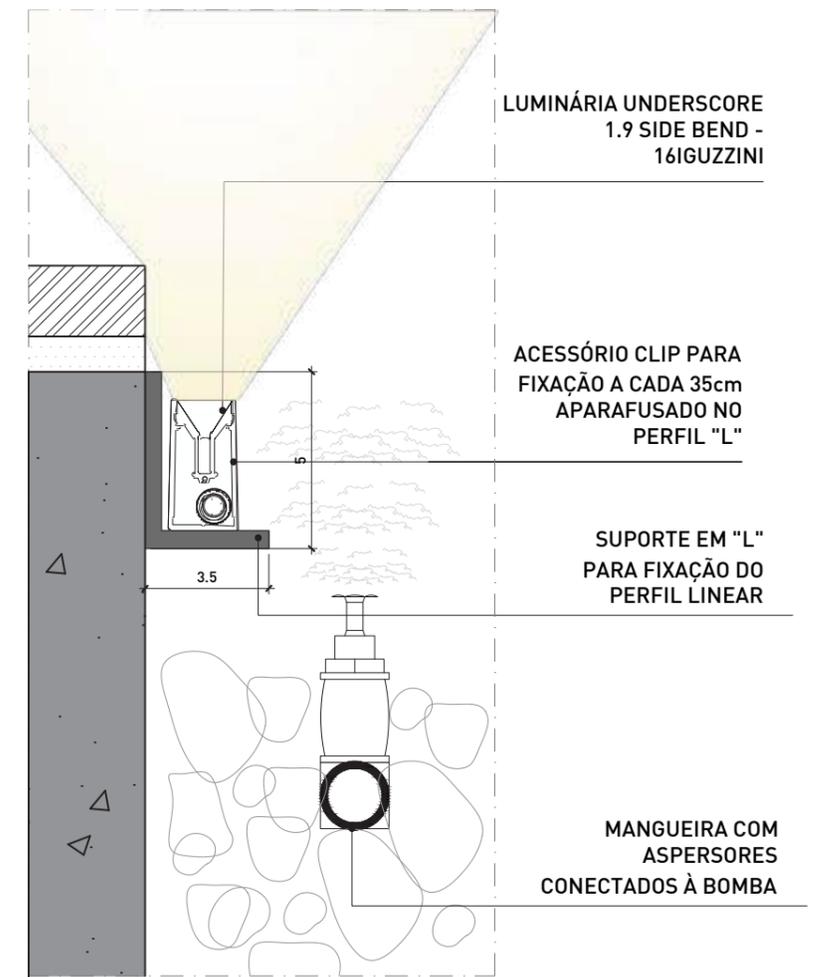


CORTE A

ESCALA 1.25



DETALHE BORDA
 ESCALA 1:5

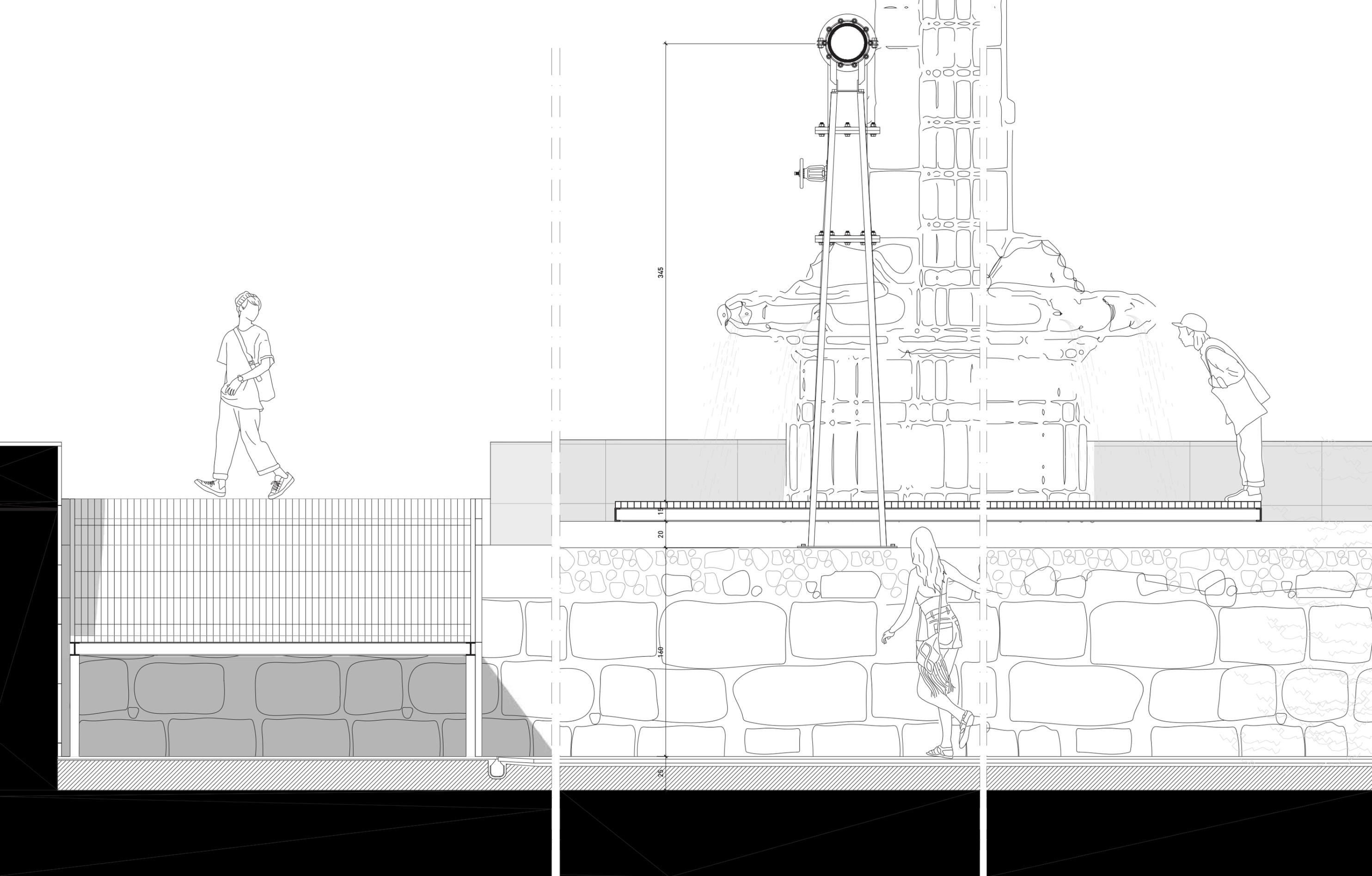


DETALHE ILUMINAÇÃO
 ESCALA 1:2



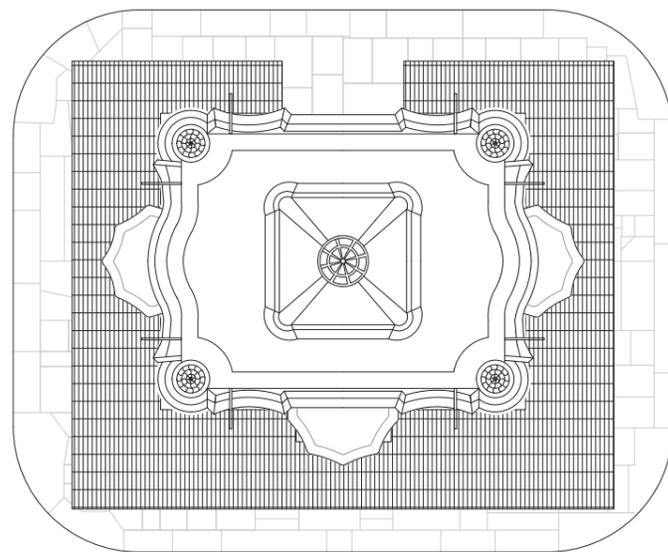
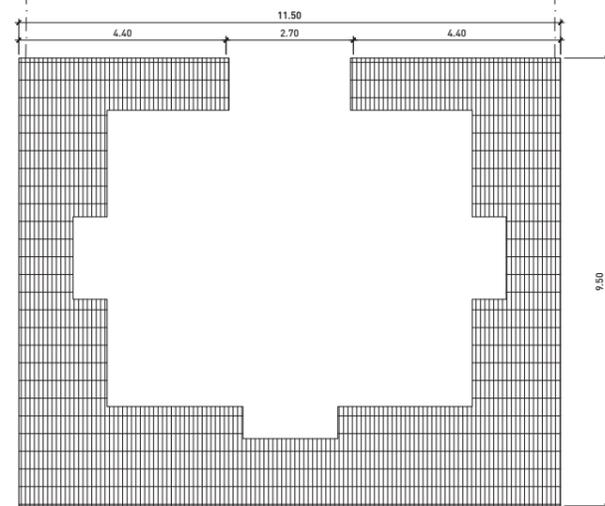
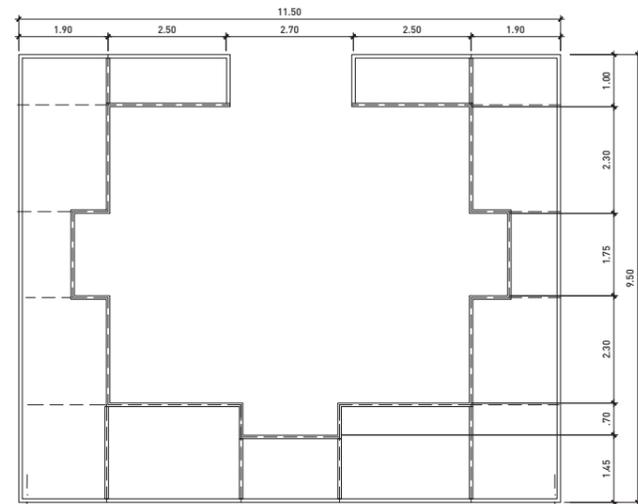
CORTE B

ESCALA 1.100



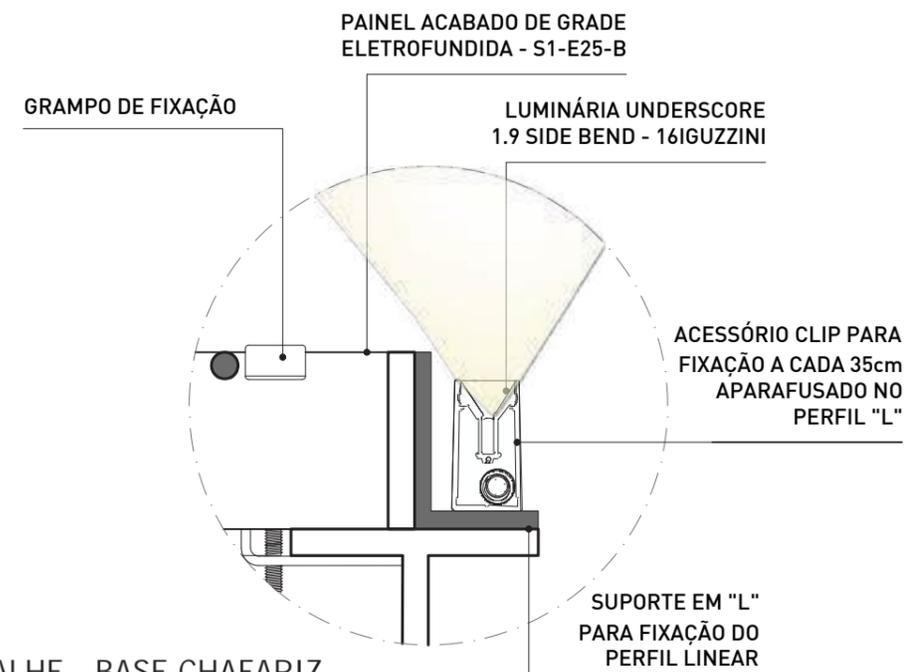
CORTE B

ESCALA 1.25



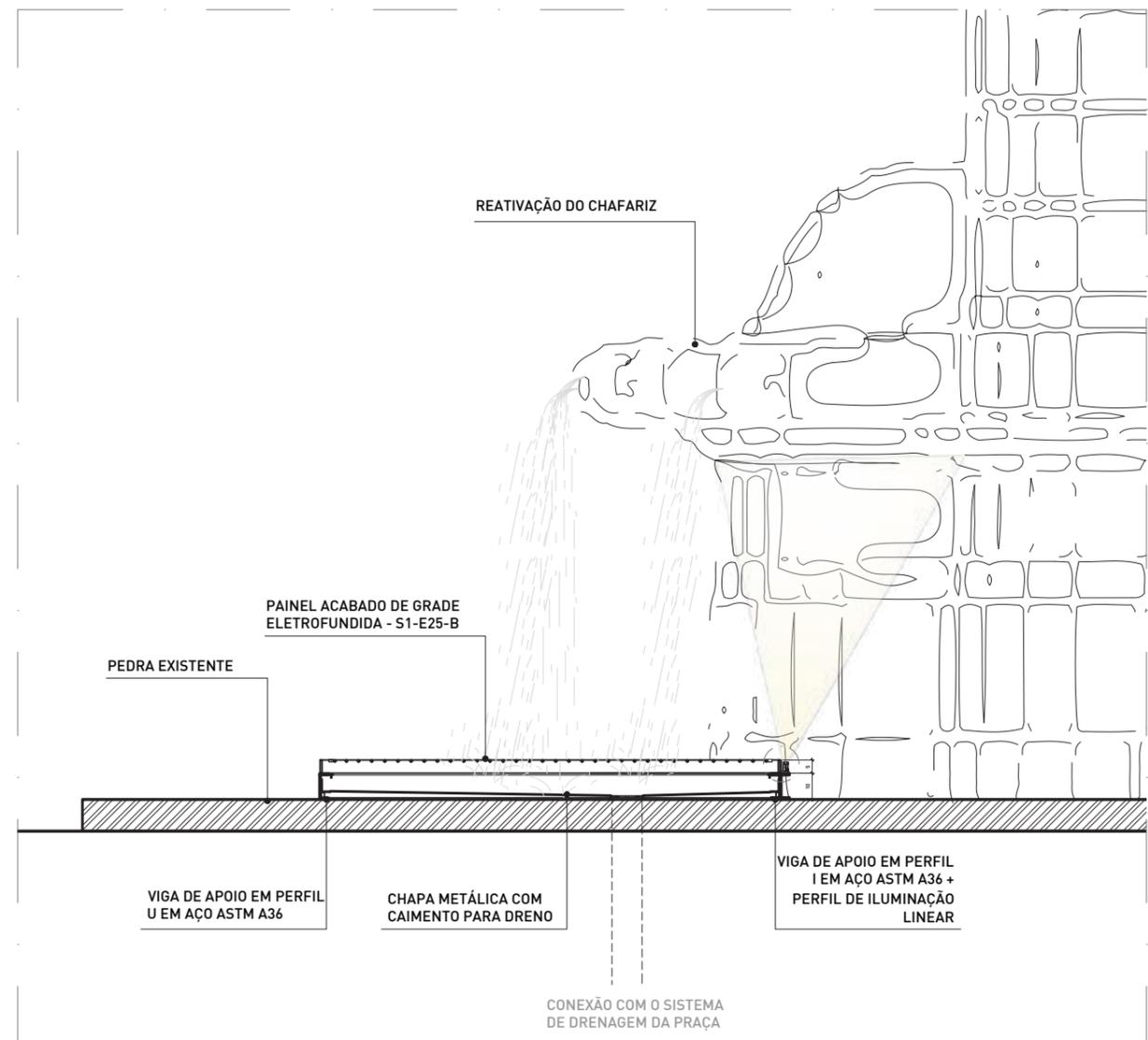
PLANTA BAIXA - BASE CHAFARIZ

ESCALA 1.150



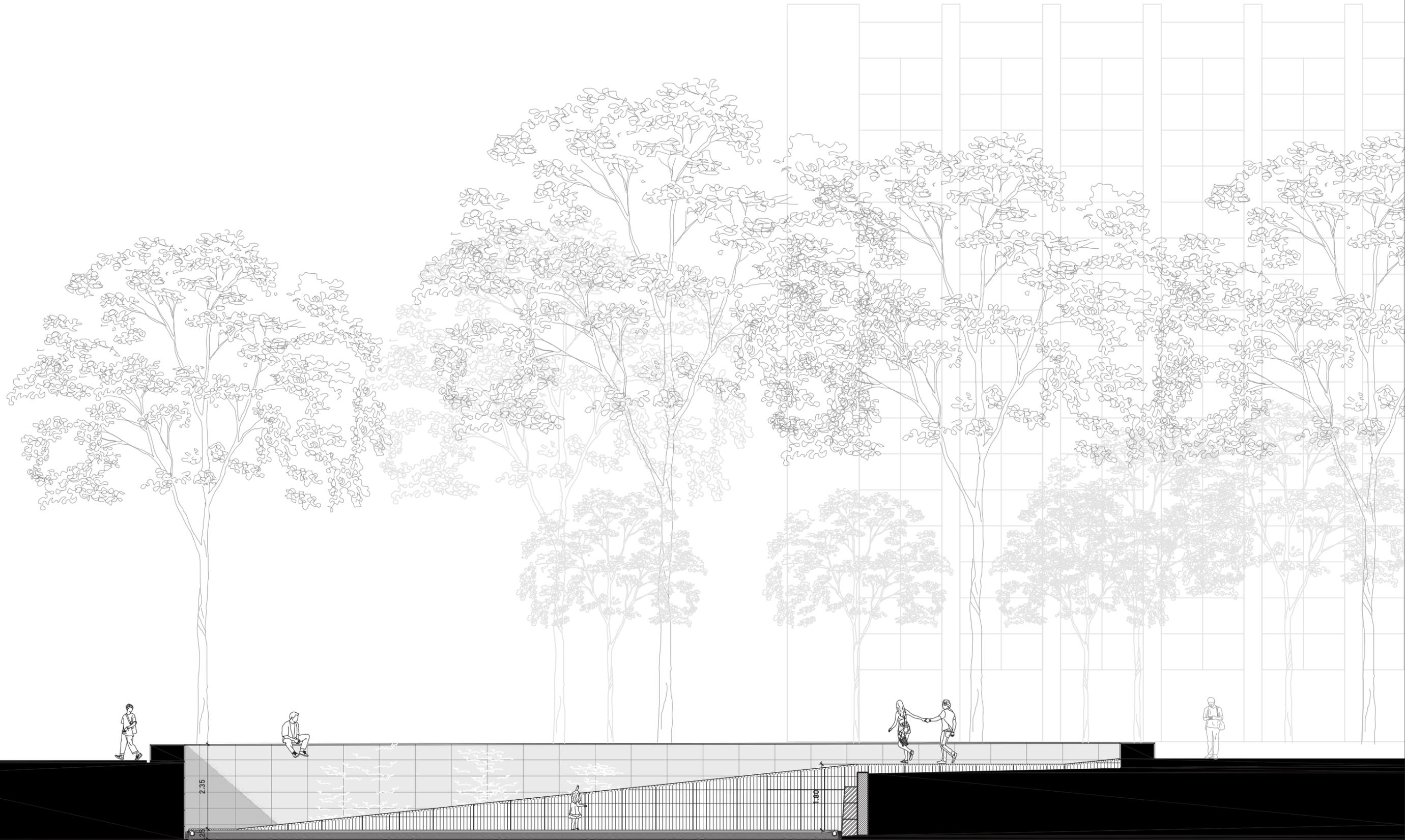
DETALHE - BASE CHAFARIZ

ESCALA 1.2



CORTE - BASE CHAFARIZ

ESCALA 1.25



CORTE C
ESCALA 1.100

26.00

.70

1.50

17.50

5.50

1.50

3.00

RAMPA EM PLANTA

ESCALA 1.75

2.65

3.00

3.00

3.00

3.00

3.00

1.30

2.30

3.00

1.50

VIGA DE APOIO EM PERFIL I EM AÇO ASTM A36

PILAR EM PERFILSIS

VIGA DE APOIO EM PERFIL I EM AÇO ASTM A36

PLANTA BAIXA EIXO ESTRUTURA

ESCALA 1.75

BOMBA E FILTRO PARA O SISTEMA DE ASPERSORES E ESPELHO D'ÁGUA

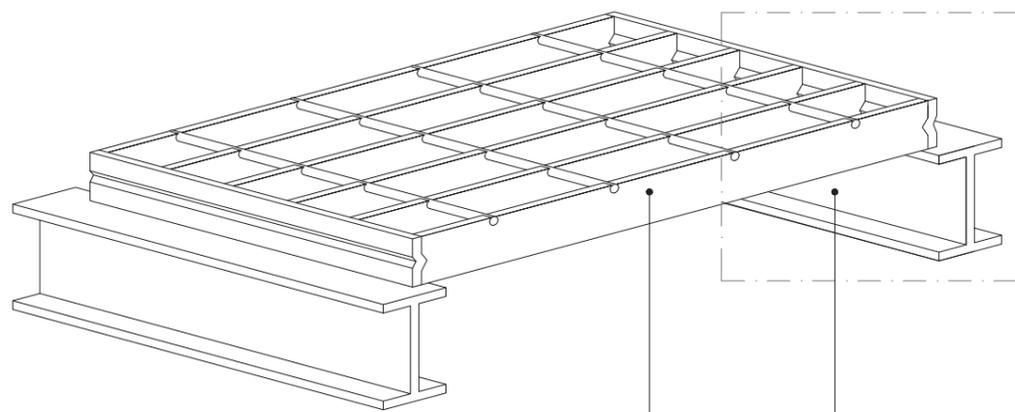
CORTE LONGITUDINAL

ESCALA 1.75

PAINÉIS DE GRADE ELETROFUNDIDA REMOVÍVEL PARA ACESSO À BOMBA E FILTRO

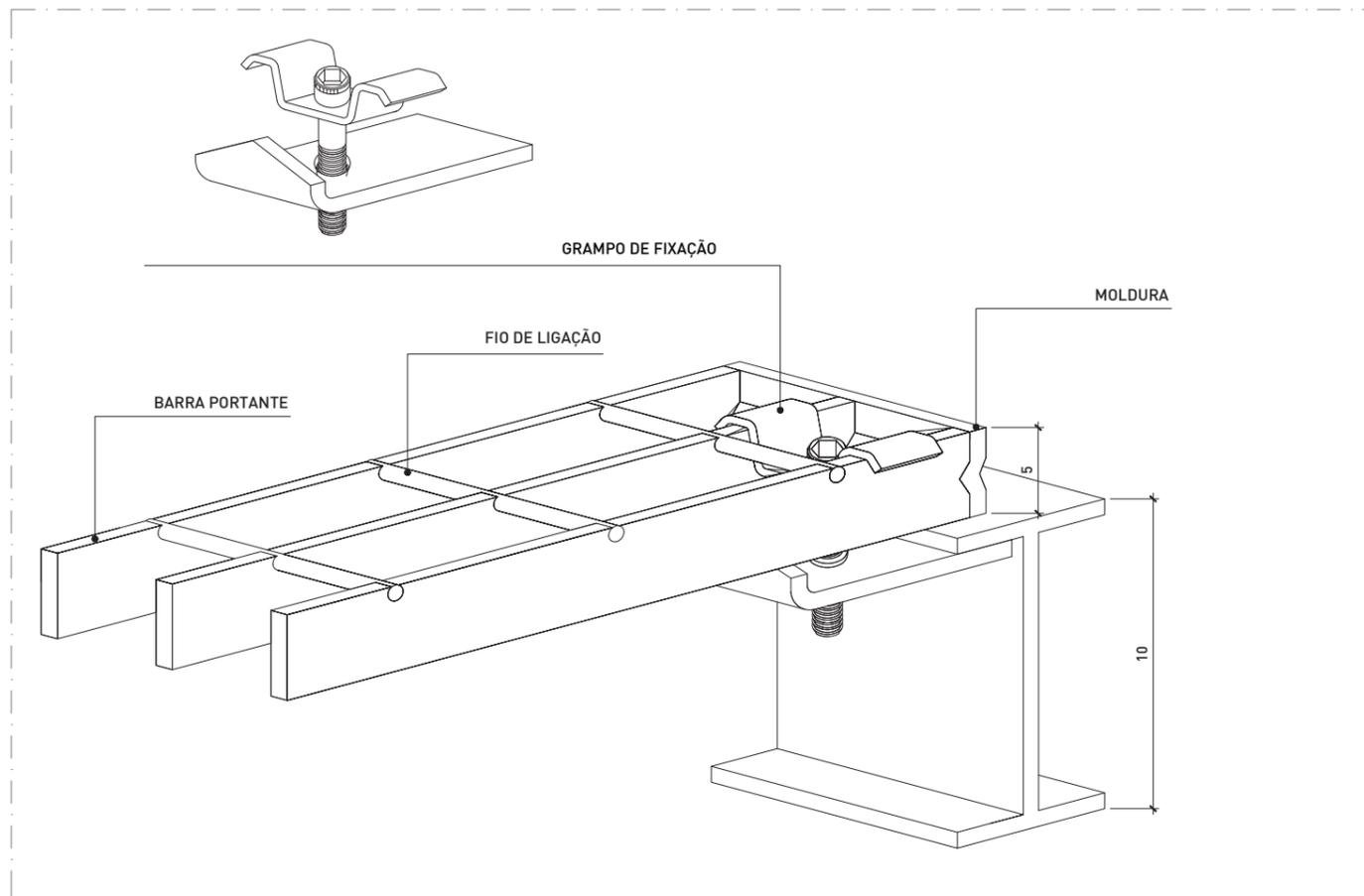
RAMPA EM VISTA

ESCALA 1.75



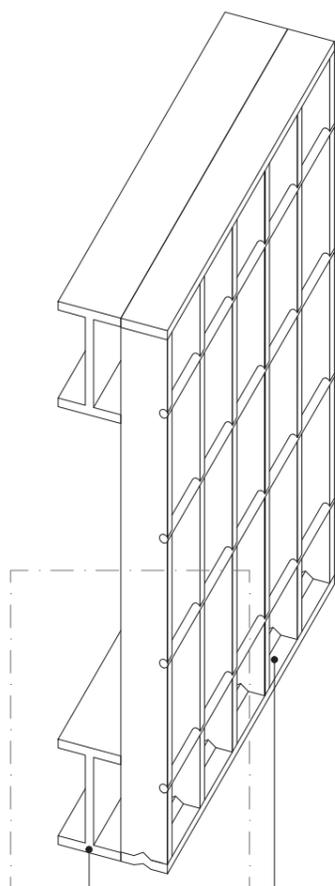
PAINEL ACABADO DE GRADE ELETROFUNDIDA - S1-E25-B 3X4m

VIGA DE APOIO EM PERFIL I EM AÇO ASTM A36



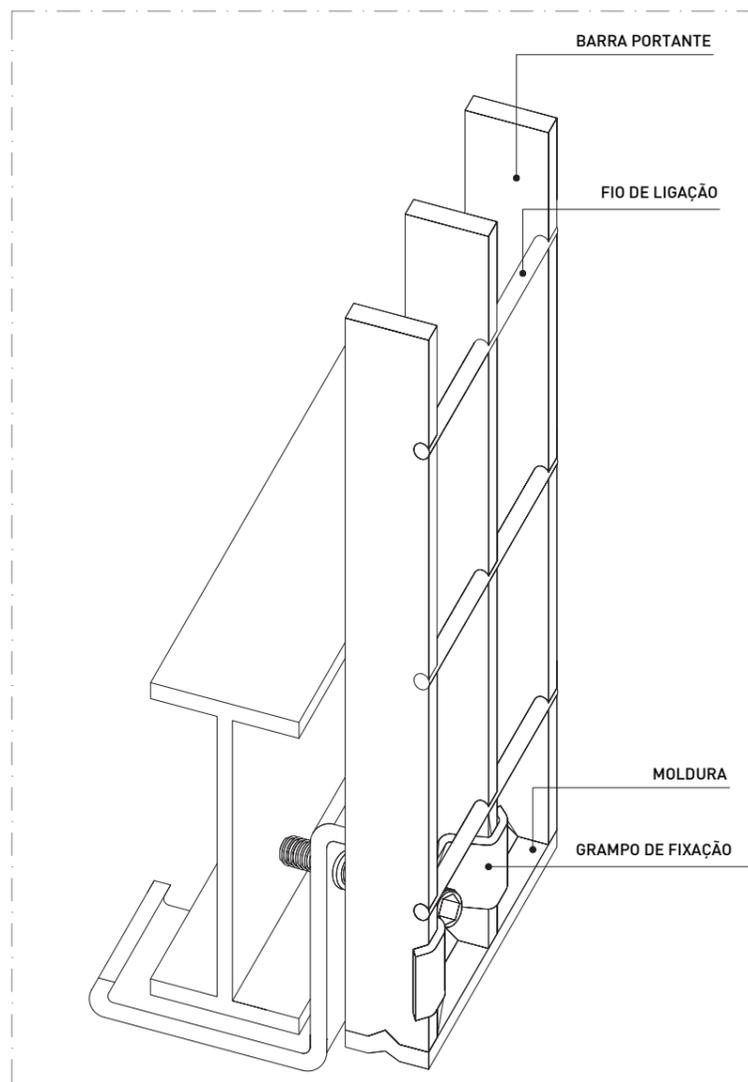
DETALHE DE FIXAÇÃO GRADE HORIZONTAL

ESCALA 1:5



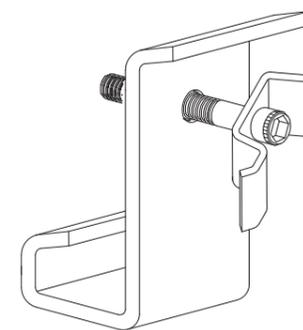
VIGA DE APOIO EM PERFIL I EM AÇO ASTM A36

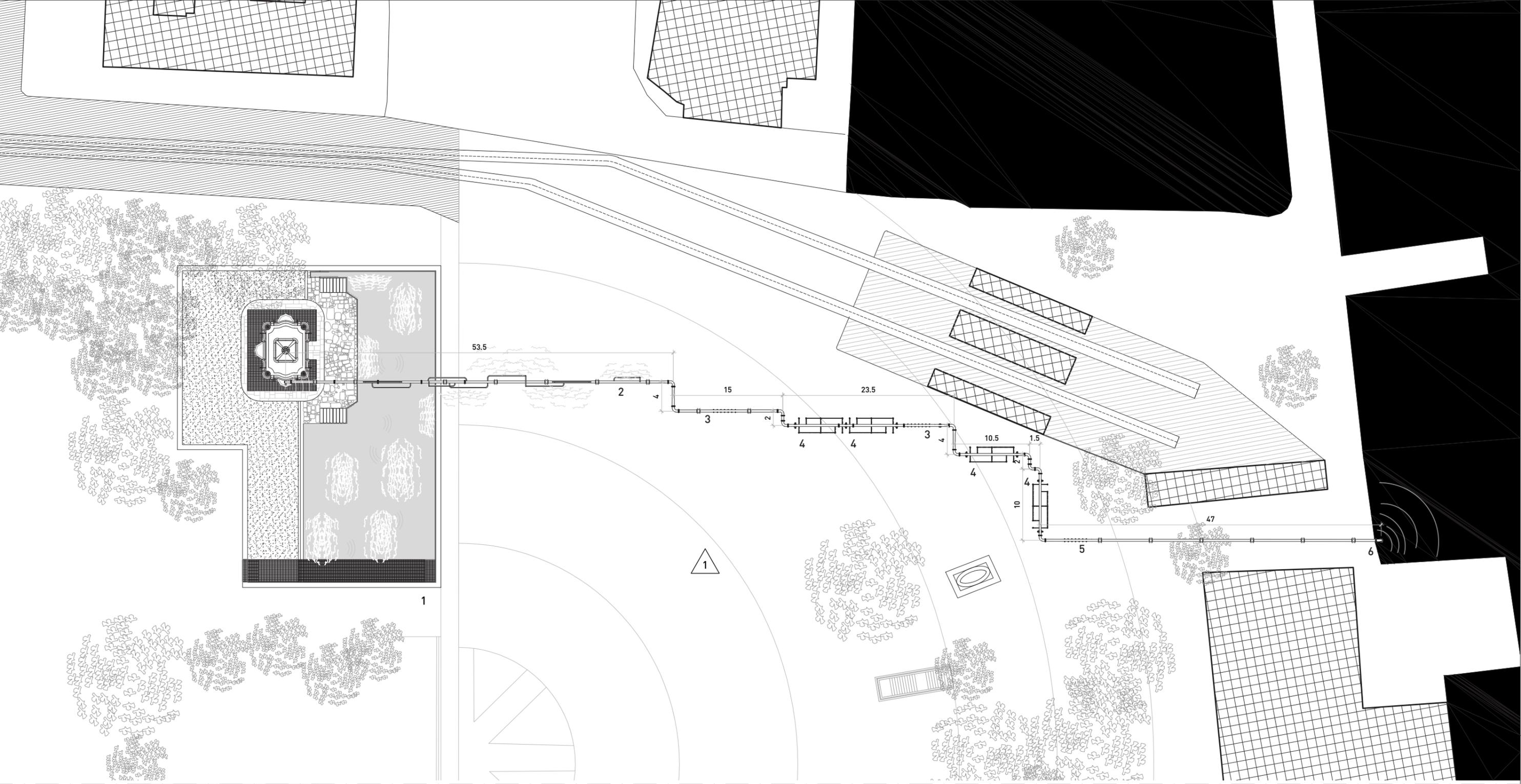
PAINEL ACABADO DE GRADE ELETROFUNDIDA - S1-E25-B 3X4m



DETALHE DE FIXAÇÃO GRADE VERTICAL

ESCALA 1:5





IMPLANTAÇÃO

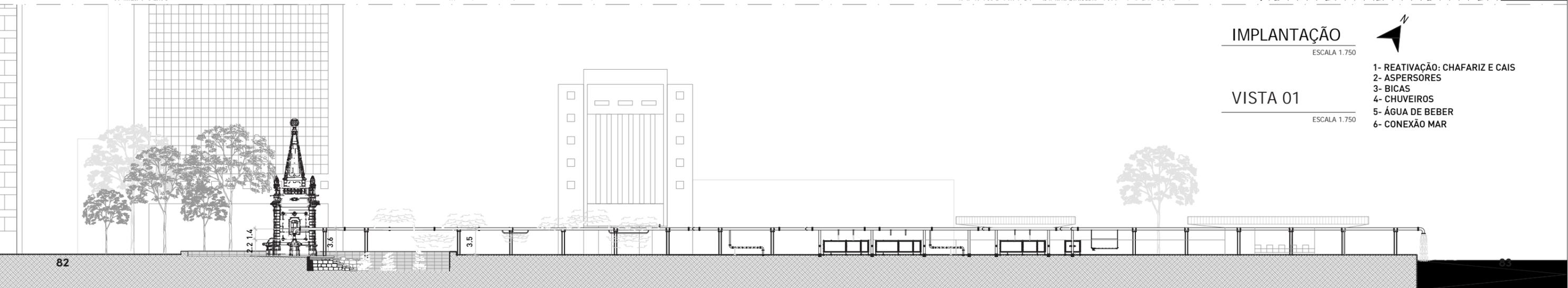
ESCALA 1.750

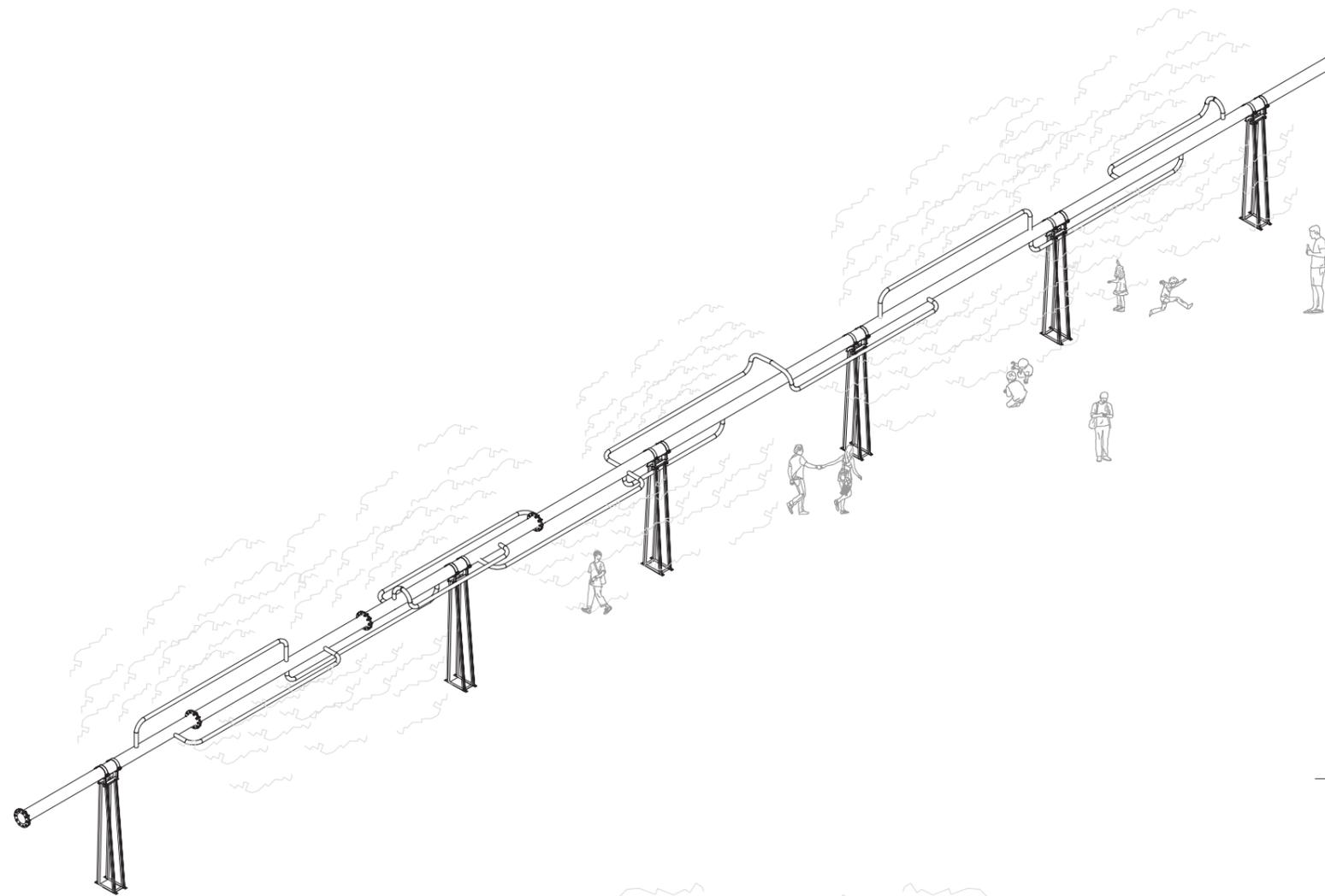


VISTA 01

ESCALA 1.750

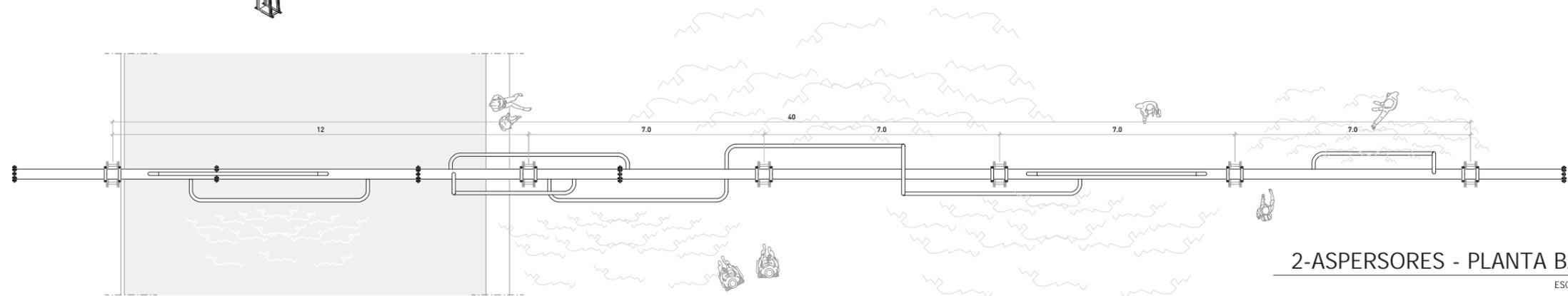
- 1- REATIVAÇÃO: CHAFARIZ E CAIS
- 2- ASPERSORES
- 3- BICAS
- 4- CHUVEIROS
- 5- ÁGUA DE BEBER
- 6- CONEXÃO MAR





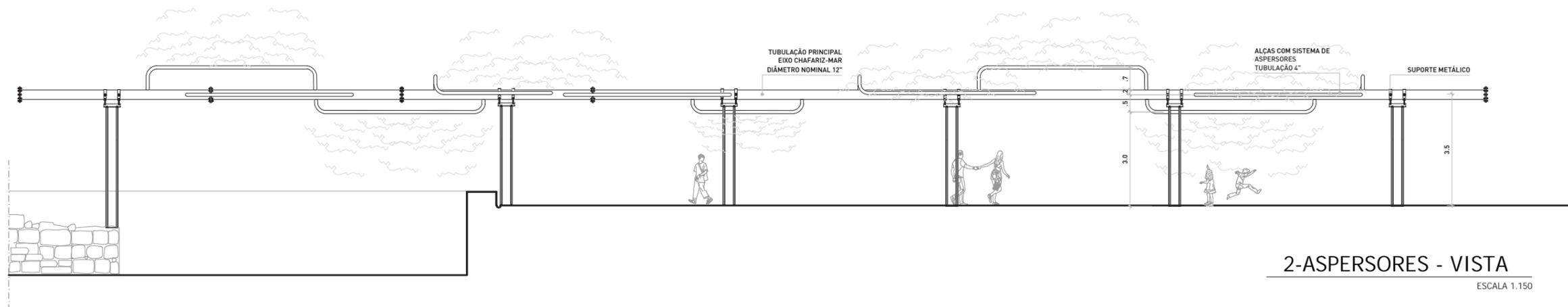
2-ASPERSORES - ISOMÉTRICA

ESCALA 1.150



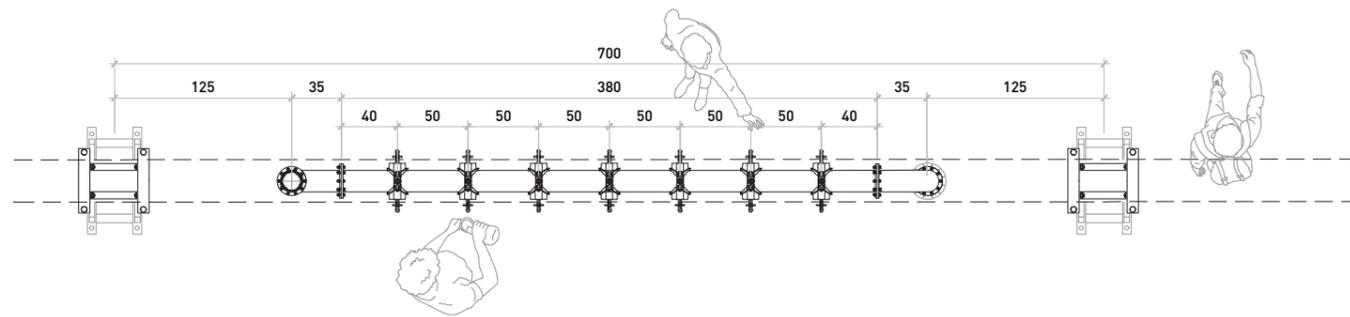
2-ASPERSORES - PLANTA BAIXA

ESCALA 1.150



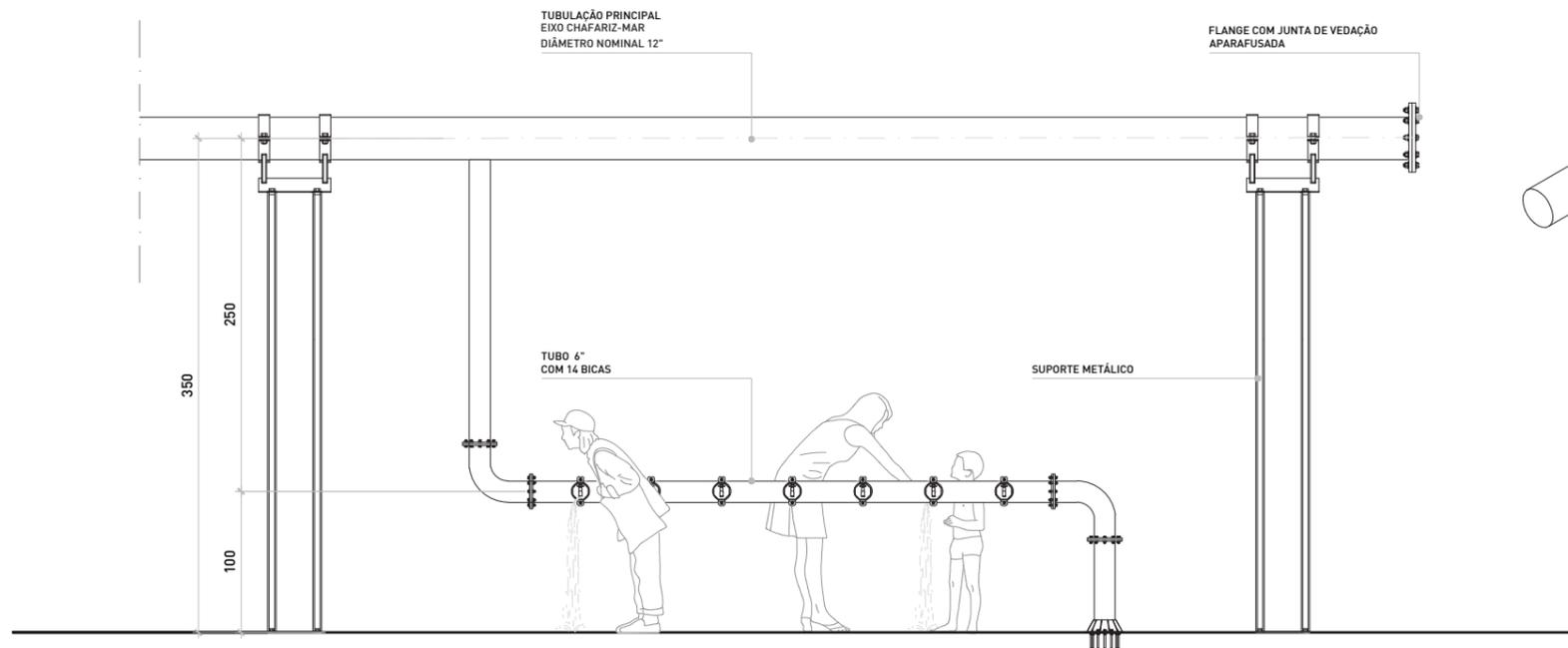
2-ASPERSORES - VISTA

ESCALA 1.150



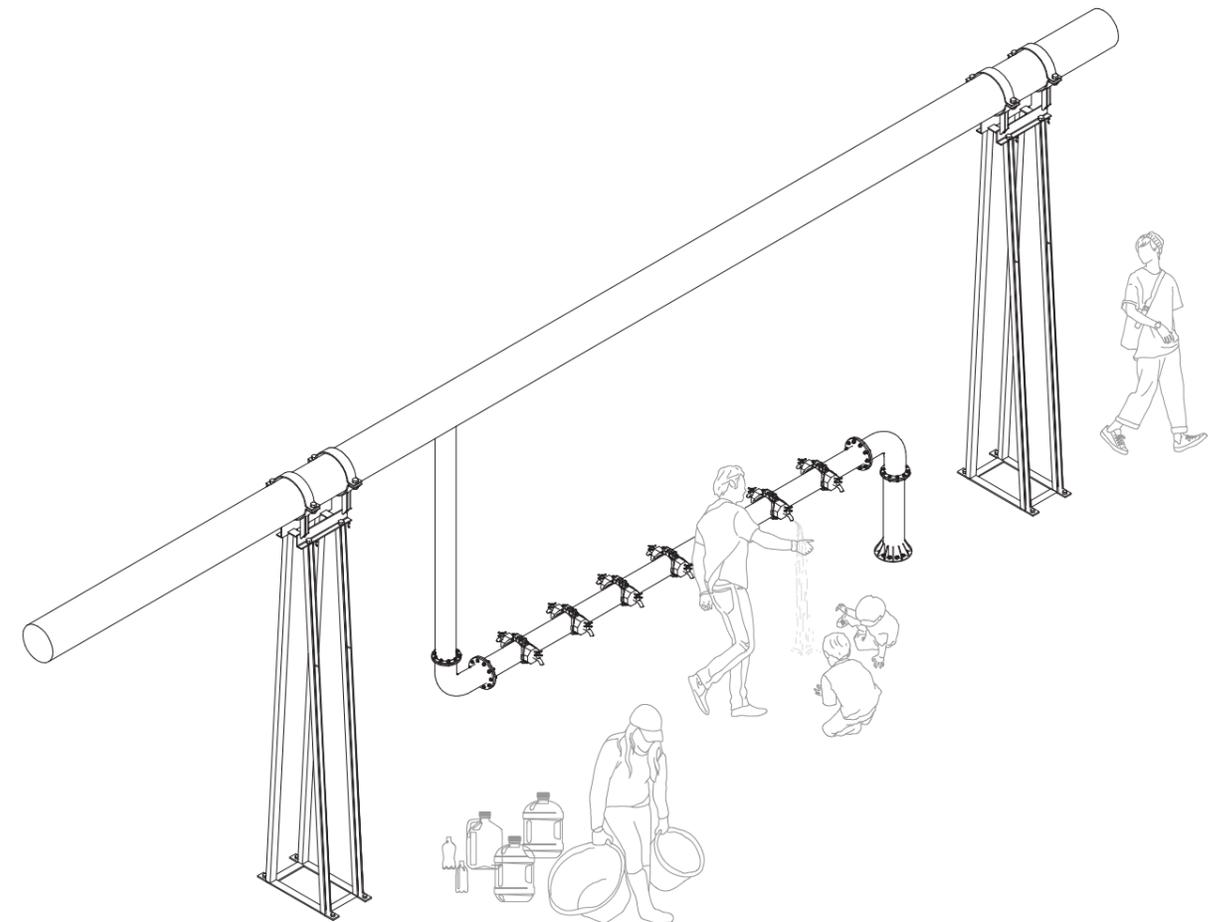
3-BICAS- PLANTA BAIXA

ESCALA 1.50



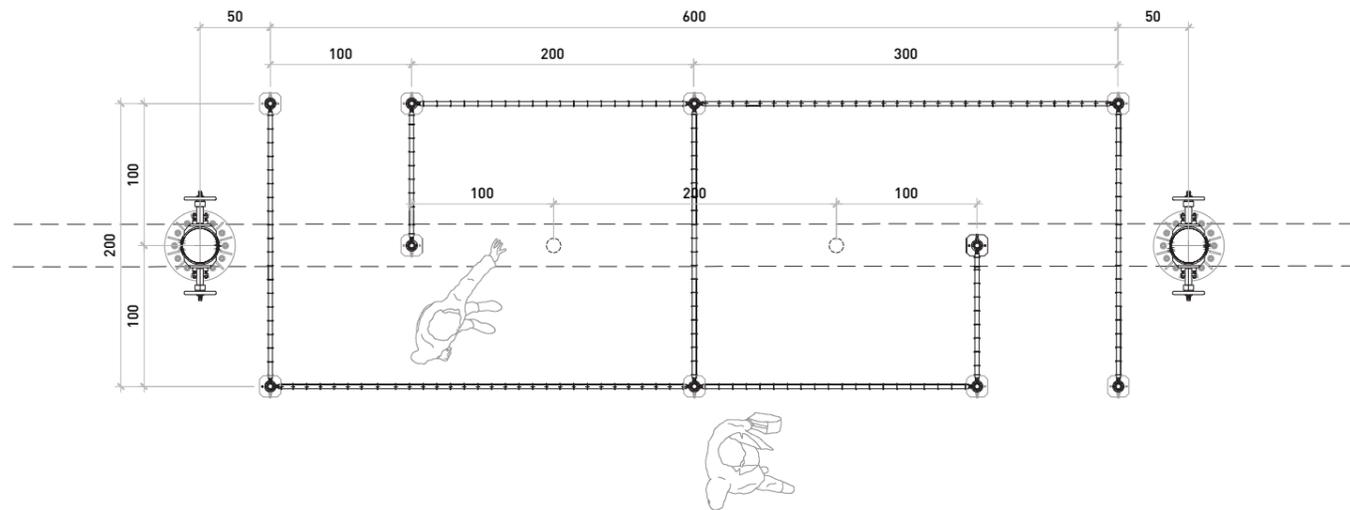
3-BICAS - VISTA

ESCALA 1.50



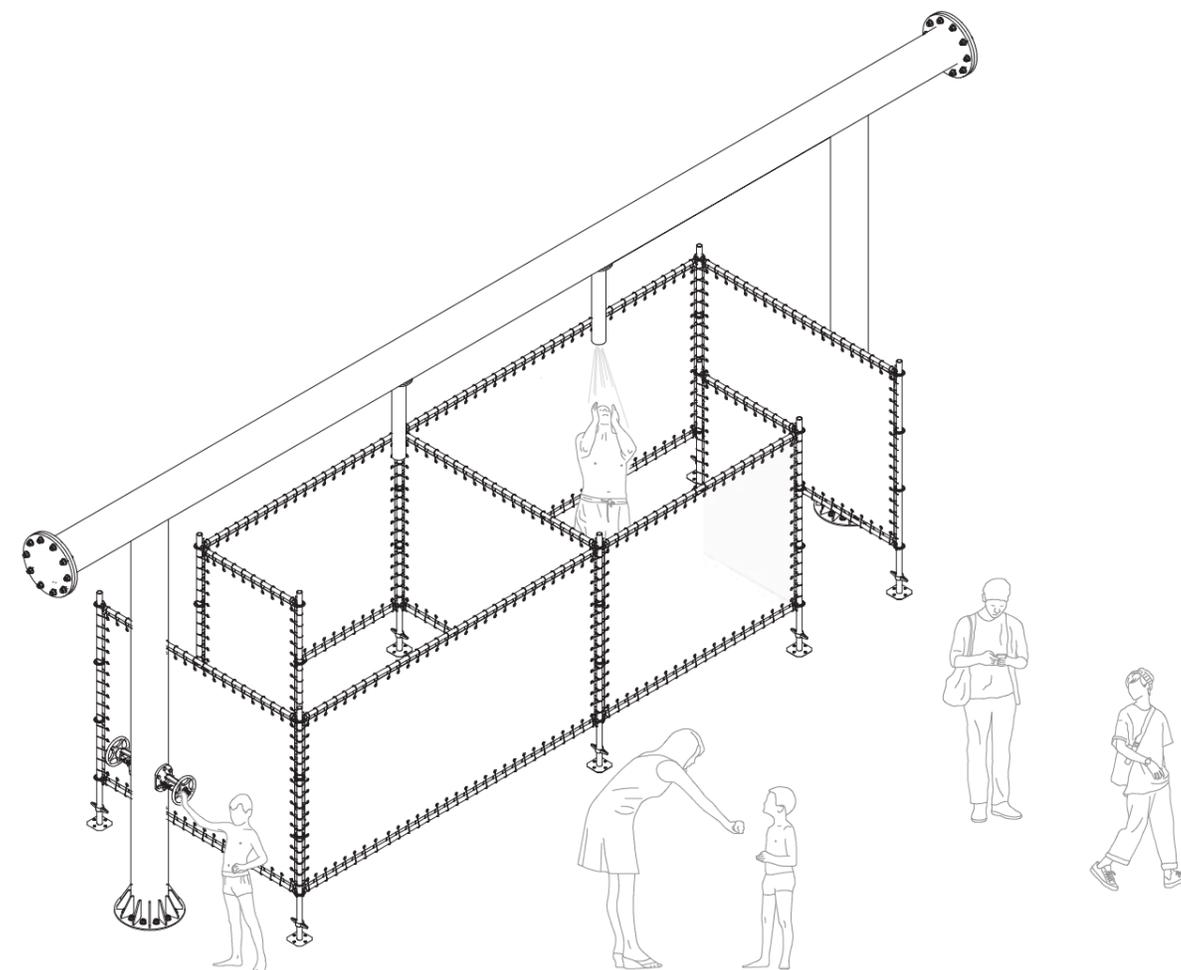
3-BICAS - ISOMÉTRICA

ESCALA 1.50



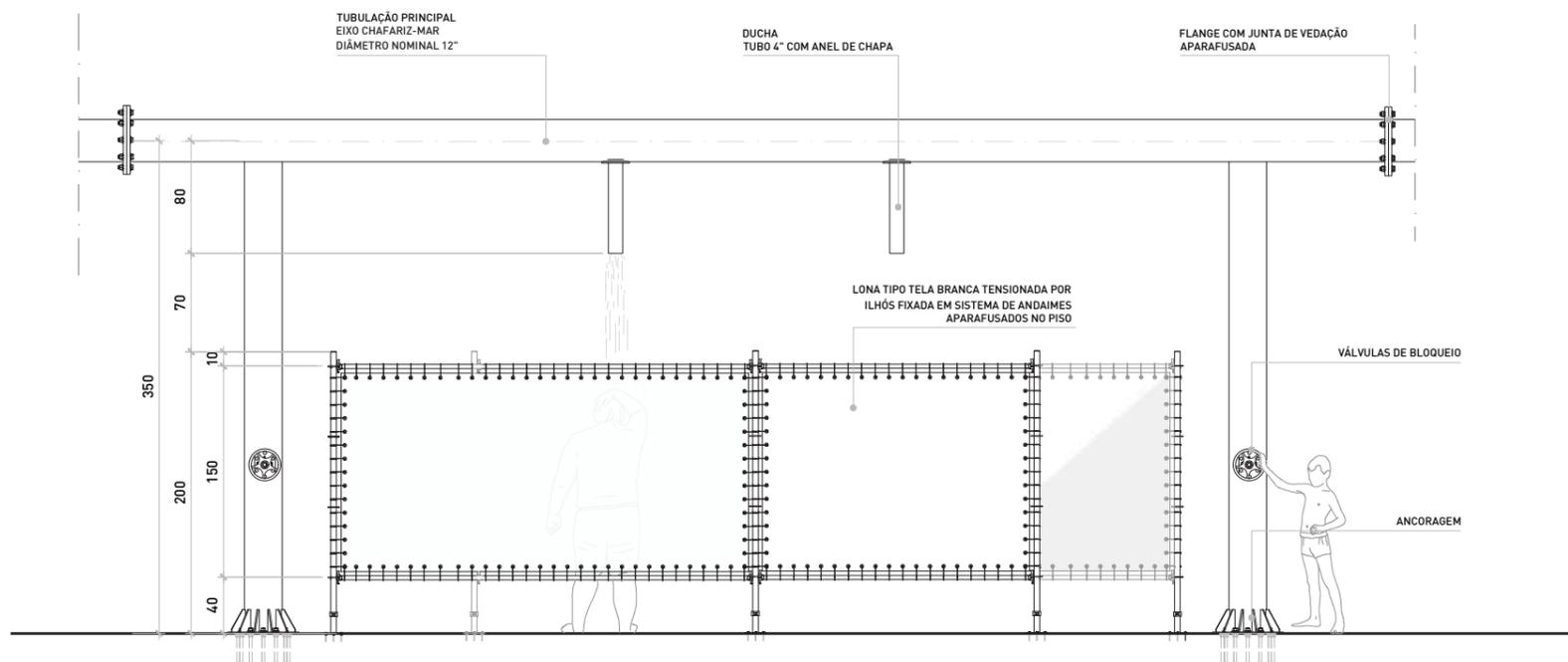
4-DUCHAS - PLANTA BAIXA

ESCALA 1.50



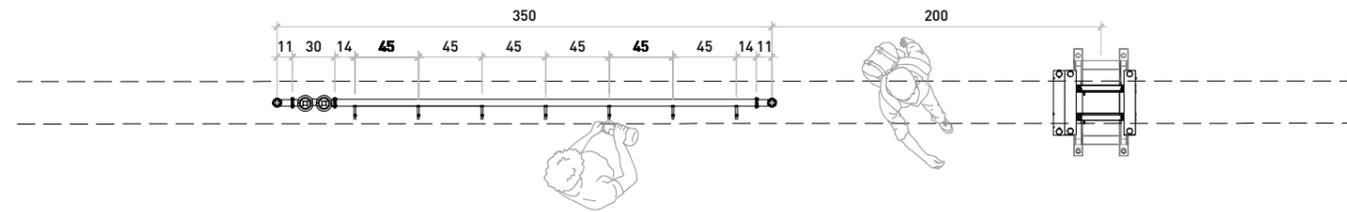
4-DUCHAS - ISOMÉTRICA

ESCALA 1.50



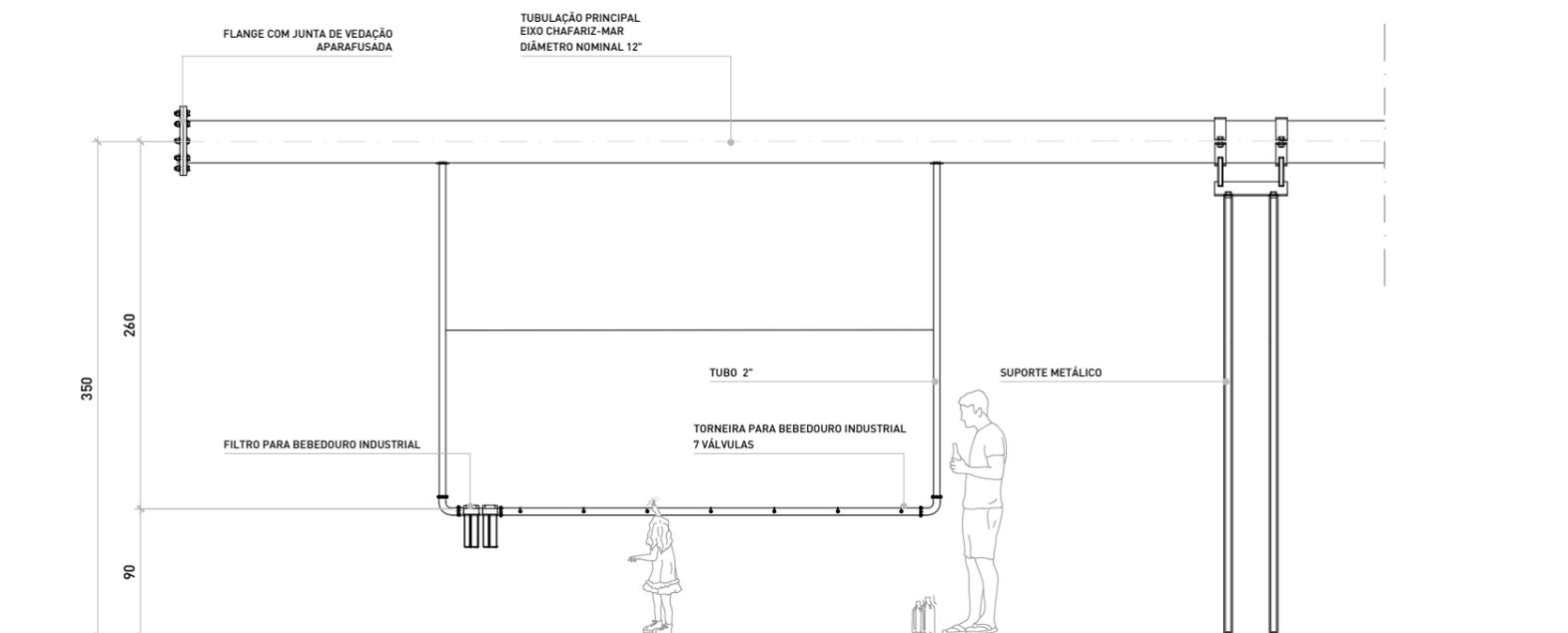
4-DUCHAS - VISTA

ESCALA 1.50



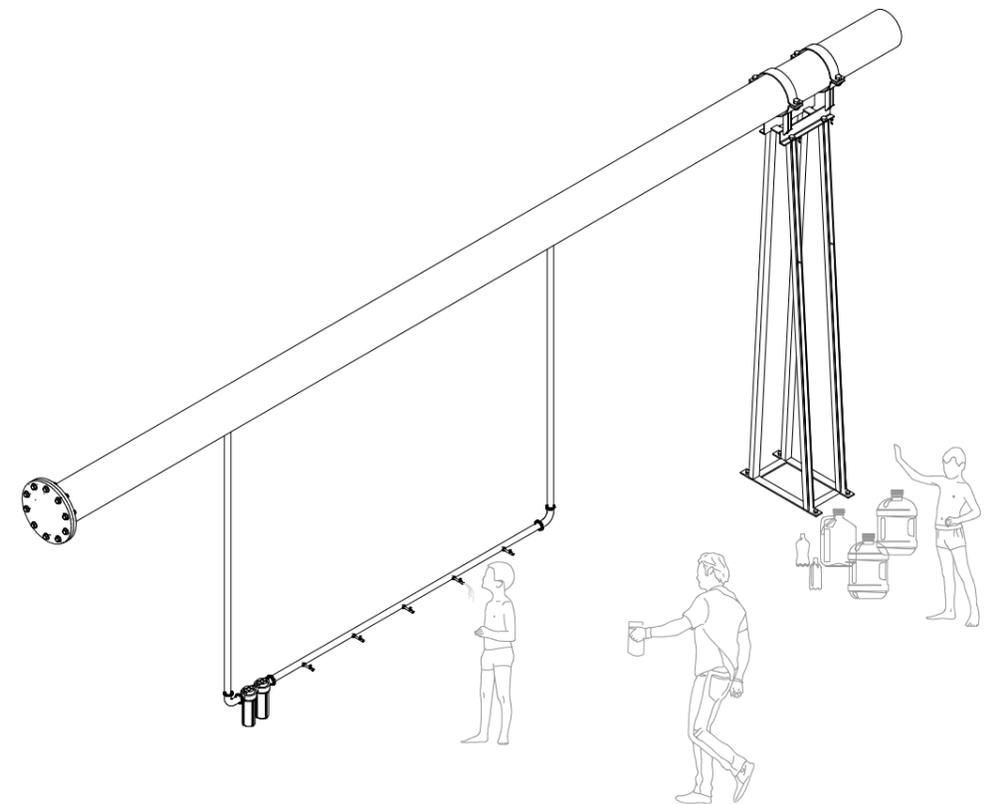
5-ÁGUA DE BEBER - PLANTA BAIXA

ESCALA 1.50



5-ÁGUA DE BEBER - VISTA

ESCALA 1.50



5-ÁGUA DE BEBER- ISOMÉTRICA

ESCALA 1.50



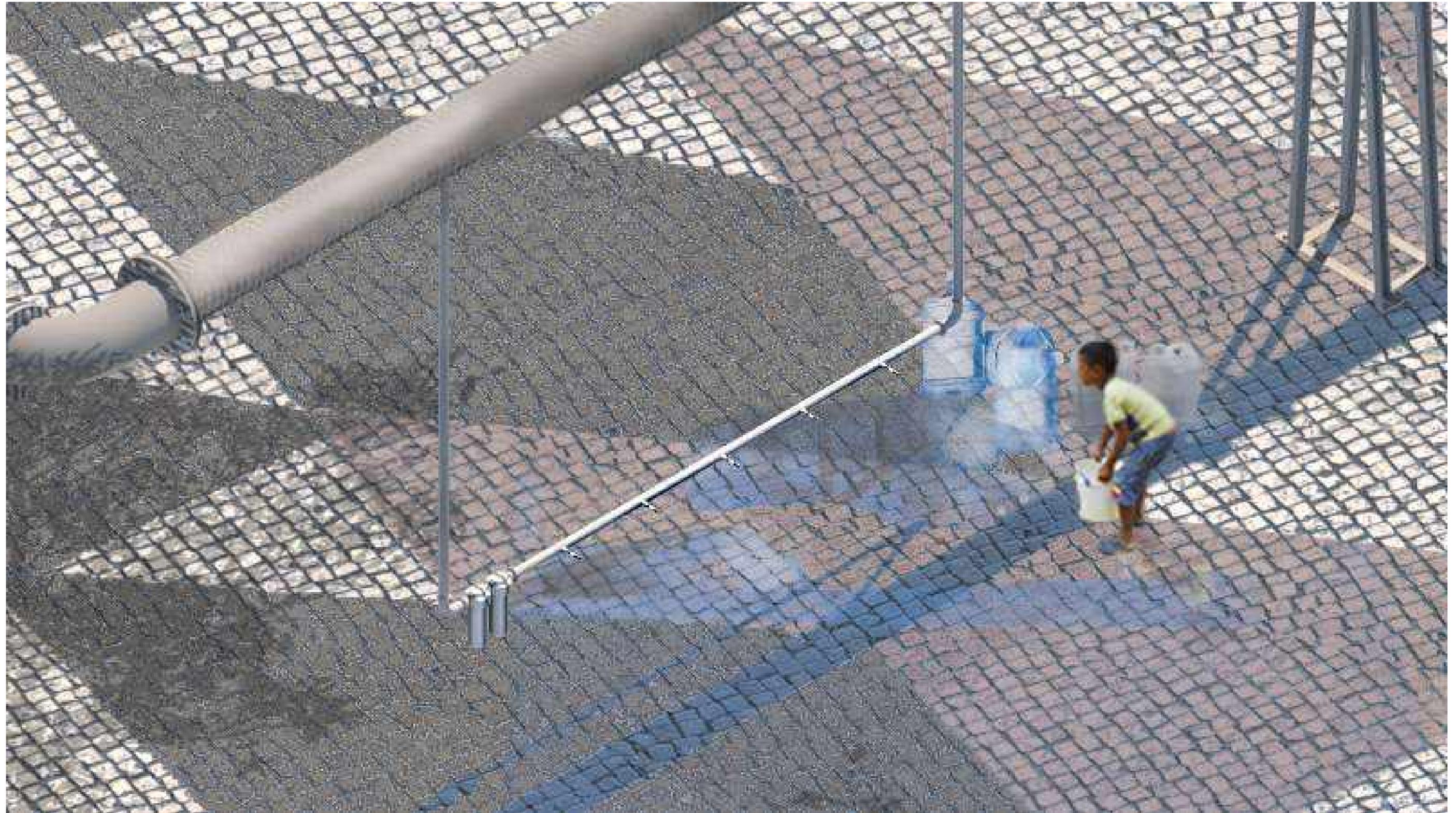


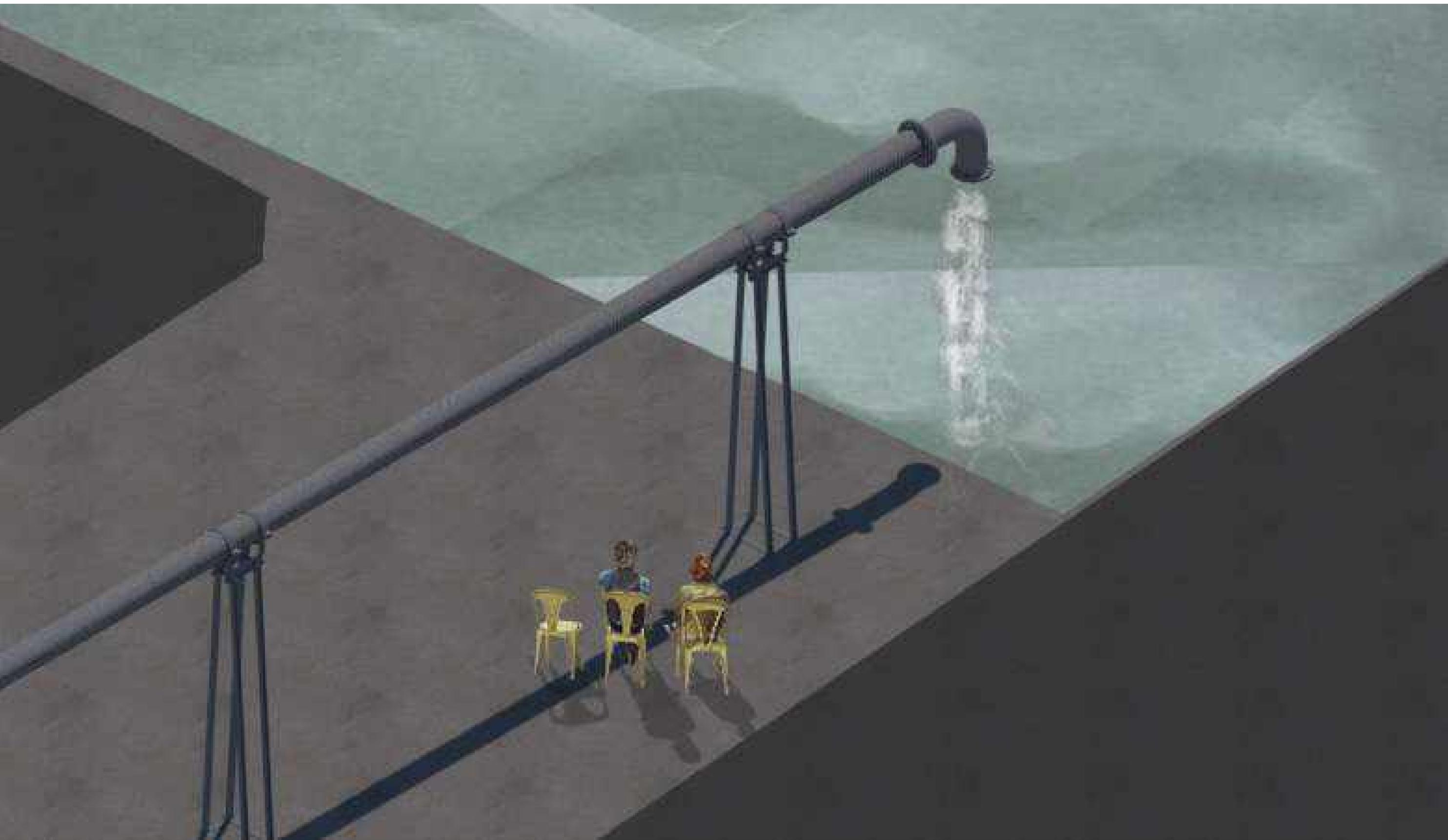












REFERÊNCIAS PROJETAIS



BEM COMUM OPAVIVARÁ!

Exposição A Caso é Sua:
Migração e hos(ti)pitalidade fora do lugar.

“Com a pandemia assolando o Brasil e o número de desabrigados aumentando dramaticamente no Rio de Janeiro, o acesso à água tornou-se uma emergência.”

“Encontrando agora seu lar no pátio do Paço Imperial durante a exposição, a fonte pública móvel foi ativada como intervenção durante vários fins de semana, percorrendo as ruas do Centro do Rio de Janeiro e distribuindo água aos moradores em situação de rua ao longo do caminho de fontes inativadas, como o Chafariz do Mestre Valentim.”



NO AR

Laura Vince

Exposição O ar que nos une, MuBe 2020

“O sistema é muito simples: pequenos bicos de aspersão, funcionando em alta pressão, são acionados por uma bomba que faz com que a água saia com tanta força, que suas gotas ganham uma característica incomum, ficando entre o estado gasoso e o líquido.”



05. REFERÊNCIAS PROJETAIS



MITOLOGIAS URBANAS: Águas Férteis.
Coletivo Líquida Ação
Prêmio Funarte Artes Cênicas na Rua 2009 - maio 2010



ATÉ ONDE O MAR VINHA. ATÉ ONDE O RIO IA.
Guga Ferraz, 2014

“Em Até Onde o Mar Vinha. Até Onde o Rio Ia. (2014), Guga Ferraz faz da ausência, presença. O projeto consiste em demarcar, com 3 toneladas de sal grosso, os limites da extinta Praia da Lapa, que tocava o Morro do Castelo.”

<https://www.select.art.br/fluxos-fixos-e-fluidos>



ÁGUA DE BEBER
Coletivo Água de Beber
Parede Gentil edição nº 36.



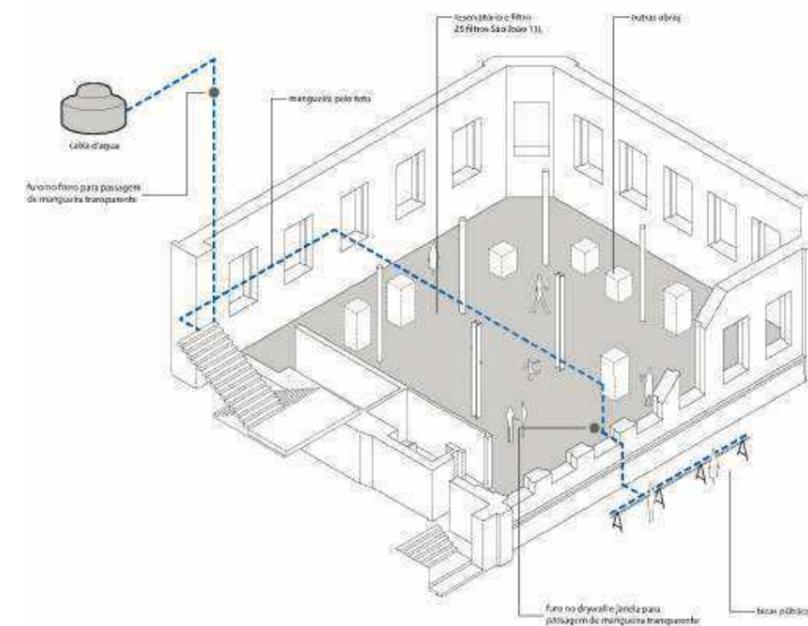
CHUVAVERÃO
OPAVIVARÁ!
Parede Gentil edição nº 21.

“CHUVAVERÃO remete as antigas fontes de água públicas que existiam espalhadas pela cidade do Rio de Janeiro. O projeto tem como principal referência a Fonte do Largo da Carioca. Um sistema hidráulico com 5 chuveirões, livres para o uso de qualquer pessoa que passe pela rua.”

BICA MAR
GRU.A Arquitetos

exposição “casa carioca”; museu de arte do rio - MAR

“O termo que usamos hoje para nos referirmos aos que nascem no rio de janeiro - cariocas - deriva do mais importante rio da região, batizado com o nome da ancestral taba tupinambá (kárioca) que ocupava suas margens e delas obtinham água fresca e potável. o trabalho cria um novo sub-ramal de distribuição de água do edifício do MAR, prolongando-o até a calçada da praça mauá, onde são instaladas 3 bicas públicas. A intervenção na rede de infraestruturas do museu se realiza em três momentos: captação, filtragem e fonte.”



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIDA C. METCALF. "Water and Social Space: Using georeferenced maps and geocoded images to enrich the history of Rio de Janeiro's fountains"

ImagineRio < <https://www.imagnerio.org/pt>>

GILMAR MACHADO DE ALMEIDA. "A Domesticação da água: os acessos e os usos da água na cidade do Rio de Janeiro entre 1850 a 1889." (2010)

GILMAR MACHADO DE ALMEIDA. "A Interação entre o natural e o cultural: como a trajetória do acesso a água produziu um patrimônio arquitetônico na cidade do Rio de Janeiro."

NORA, Pierre. "Entre Memória e História: A problemática dos lugares." Revista Projeto História. São Paulo (10), 1993.

Rio de Janeiro em seus Quatrocentos Anos. SILVA, Mariano Rosauo. "A Luta Pela Água". Rio de Janeiro, Editora Record, 1965.

ROBERTO ANDERSON. "Fontes e chafarizes secos no Rio". < <https://diariodorio.com/roberto-anderson-fontes-e-chafarizes-secos-no-rio/>>

GRU.A. "Bica Mar". < <https://www.grua.arq.br/projetos/bica-mar> >

Coletivo Liquida Ação apresenta: mitologias urbanas - Casa da Velha Vó Filmes < <https://www.youtube.com/watch?v=5E-FsfkVfFQ> >

SANTA RITA, José de - A água do Rio: do carioca ao Guandu: a história do abastecimento de água do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro: Synergia: Light: Centro Cultural da SEARJ, 2009

MAGALHÃES, Correa - Terras Cariocas Fontes e Chafarizes - Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1935

FRIAS, Renato Coimbra. Abastecimento de Água no Rio De Janeiro Joanino: Uma Geografia do Passado (2013)

DIAS, Vera - "A História dos Monumentos do Rio de Janeiro .Chafariz da Praça XV - Parte da história da Cidade" < <http://ashistoriasdosmonumentosdorio.blogspot.com/2010/05/chafariz-da-praca-xv-parte-da-historia.html>>

Fuão, Fernando Freitas -As formas do acolhimento na arquitetura. Edurj. 2014

Sofia Burin Leonardos